



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA LUIZA DE SOUSA SILVA

**JORNAL O DIA EM TERESINA: SUA TRAJETÓRIA E IMPACTO NA
CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PIAUÍ (1952-1961)**

TERESINA - PI
2025

MARIA LUIZA DE SOUSA SILVA

**JORNAL O DIA EM TERESINA: SUA TRAJETÓRIA E IMPACTO NA
CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PIAUÍ (1952-1961)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como requisito
parcial para conclusão do Curso de Graduação em
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Vale Júnior

Teresina-PI
2025

S586j Silva, Maria Luiza de Sousa.

Jornal O Dia em Teresina: sua trajetória e impacto na construção da informação no Piauí (1952-1961) / Maria Luiza de Sousa Silva. - 2025.

54 f.: il.

Monografia (graduação) - Licenciatura em História, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. João Batista Vale Júnior".

1. História. 2. Imprensa piauiense. 3. Modernização jornalística. 4. Jornal O Dia. 5. Opinião pública. I. Vale Júnior, João Batista . II. Título.

CDD 070.172

À minha família, que nunca mediu
esforços para realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui parece quase surreal. Durante a graduação, pensei em desistir inúmeras vezes, acreditando que eu não era suficiente para este curso. Por isso, escrever os agradecimentos do meu Trabalho de Conclusão de Curso é, para mim, a prova de que consegui, e de que falta muito pouco para finalmente dizer: *“eu venci e me formei!”*. Essa conquista não seria possível sem todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo desse processo.

Agradeço profundamente a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Mesmo aqueles que, sem perceber, me deram forças para continuar, fazem parte desta trajetória marcada por desafios, superação e crescimento. Expresso também minha gratidão a Deus, que me permitiu chegar até o fim. Nos dias e noites em que pensei em desistir, Ele me enviou sinais que me ajudaram a seguir em frente.

Meu primeiro agradecimento vai para a minha mãe, Alzirina Desidério de Sousa Silva, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e foi meu porto seguro quando até eu deixei de acreditar em mim. Sou grata pela mulher forte que ela é, por nunca deixar faltar nada aos filhos e por encher nossa casa de amor e carinho. Sua confiança inabalável me fez sentir que, com a senhora segurando minha mão, qualquer coisa seria possível. Do fundo do meu coração: obrigada, mãe. Obrigada por cada gesto de carinho, por cada palavra de incentivo e por cada *“faz, a mãe dá um jeito”*. A senhora nunca falhou em apoiar seus filhos, e eu serei eternamente grata por tê-la como mãe.

Aos meus irmãos Luiz Henrique e Luiz Eduardo, deixo meu carinho e minha gratidão.

Ao meu pai, José Luiz da Silva, que, sob muito sol, me permitiu caminhar à sombra. Mesmo com a distância imposta pelo trabalho, jamais deixou faltar amor e cuidado. Meu carinho e gratidão a ele.

Agradeço também à família extraordinária que tenho, minhas tias, tios e primos e, em especial, à minha avó Maria Salomé Desidério de Sousa, o pilar da família Desidério. Obrigada por todo o apoio, carinho e força.

Quero também dedicar palavras especiais de gratidão ao *Clube da Luta*: Carla Vaniele, Deusimar Batista, Pedro Queiroz e Francisco Rafael, vocês tornaram a graduação não apenas suportável, mas verdadeiramente significativa. Vocês transformaram desafios em risadas, cansaço em leveza e dias difíceis em momentos mais fáceis de atravessar. Cada conversa, cada apoio, cada gesto de cuidado e cada instante compartilhado fizeram deste percurso algo muito maior do que uma simples caminhada acadêmica. Agradeço por serem abrigo nos dias turbulentos, companhia nas madrugadas de estudo e motivo de alegria quando tudo parecia

pesado demais. A amizade de vocês iluminou meu caminho e tornou a jornada universitária inesquecível, repleta de memórias que levarei comigo para sempre. Meu carinho e gratidão a cada um. Vocês foram parte fundamental da minha força, da minha coragem e da minha vitória.

À Rakell Osório, pessoa maravilhosa que tive a alegria de conhecer neste último ano e que rapidamente se tornou alguém por quem tenho enorme consideração, deixo minha sincera gratidão. Obrigada pelas palavras de apoio, pela escuta generosa e pela ajuda nos momentos mais desafiadores da escrita.

Por fim, e não menos importante, registro minha gratidão a duas pessoas que a graduação trouxe para a minha vida e que, desde então, se tornaram parte essencial do meu coração e da minha caminhada: Sarah Emmanuely e Wanessa Estácio. Agradeço profundamente por cada gesto de apoio, por cada palavra de incentivo e pelo companheirismo que me acolheu nos momentos em que mais precisei. Obrigada por segurarem minha mão quando pensei em desistir, por enxergarem força em mim quando eu mesma duvidei e por me lembrarem, com carinho e paciência, que eu era capaz de chegar até o fim.

O cuidado, a atenção e a presença de todos vocês tornaram o processo de escrita muito menos difícil e muito mais leve, humano e cheio de afeto. Sou eternamente grata por ter em minha vida pessoas em quem posso confiar e apoiar a cabeça no ombro nos momentos mais difíceis, que me confortaram em silêncio, me ouviram com o coração e celebraram comigo cada pequena vitória. Vocês tornam qualquer caminho mais bonito.

RESUMO

Esse trabalho analisa como o jornal *O Dia*, fundado em 1951 por Raimundo Leão Monteiro em Teresina, contribuiu para a construção da informação e da opinião pública no Piauí entre 1952 e 1961. A pesquisa busca compreender de que modo o periódico atuou na formação da identidade política, social e cultural do estado, especialmente em um contexto marcado pela influência das oligarquias e pela lenta modernização da imprensa regional. Nesse período, *O Dia* destacou-se por se apresentar como um “órgão independente, político e noticioso”, reivindicando imparcialidade editorial em meio a um cenário dominado por jornais ligados a partidos políticos. A partir da análise de suas edições, foi possível perceber que *O Dia* desempenhou papel ativo na mediação das informações e na formulação da opinião pública, assumindo ora uma postura de neutralidade, ora um engajamento explícito em questões políticas e sociais. Seu discurso de independência era, por vezes, tensionado por práticas opinativas e críticas direcionadas aos governantes locais, revelando o jornal como um ator social que interferia diretamente nas disputas de poder e na construção da memória coletiva piauiense. A abordagem metodológica utilizada nesse trabalho foi qualitativa, de caráter histórico e documental, baseada na análise de exemplares do jornal disponíveis em acervos físicos e digitais, complementada por autores como Nilsângela Lima (2014), Ana Regina Rêgo (2001), Maria Helena Capelato (1988) e Jürgen Habermas (2003). As fontes secundárias e teóricas possibilitaram compreender o papel da imprensa como instrumento de formação da esfera pública e de mediação entre Estado e sociedade. No decorrer dessa pesquisa foi possível concluir que, *O Dia* representou um marco na imprensa piauiense ao adotar um jornalismo mais moderno e comprometido com a objetividade, embora mantivesse vínculos com interesses locais e ideológicos. O periódico contribuiu significativamente para o debate público e para a consolidação de uma consciência política e cultural no estado, tornando-se um importante agente na construção da memória e da história social do Piauí durante as décadas de 1950 e 1960.

Palavras-chave: História. Imprensa piauiense. Jornal O Dia. Opinião pública. Modernização jornalística

ABSTRACT

This study analyzes how the newspaper *O Dia*, founded in 1951 by Raimundo Leão Monteiro in Teresina, contributed to the construction of information and public opinion in Piauí between 1952 and 1961. The research seeks to understand how the newspaper influenced the formation of the state's political, social, and cultural identity, especially in a context marked by the influence of oligarchies and the slow modernization of the regional press. During this period, *O Dia* stood out for presenting itself as an “independent, political, and news-oriented outlet,” claiming editorial impartiality amid a scenario dominated by newspapers linked to political parties. From the analysis of its editions, it was possible to observe that *O Dia* played an active role in mediating information and shaping public opinion, sometimes adopting a neutral stance and at other times engaging explicitly in political and social issues. Its discourse of independence was often challenged by opinionated practices and criticisms directed at local authorities, revealing the newspaper as a social actor that directly influenced power disputes and the construction of Piauí's collective memory. The methodological approach used in this study was qualitative, historical, and documentary, based on the analysis of newspaper issues available in physical and digital archives, and supported by authors such as Nilsângela Lima (2014), Ana Regina Rêgo (2001), Maria Helena Capelato (1988), and Jürgen Habermas (2003). The secondary and theoretical sources made it possible to understand the role of the press as an instrument for shaping the public sphere and mediating between the State and society. Throughout the research, it was concluded that *O Dia* represented a milestone in Piauí's press by adopting a more modern journalism committed to objectivity, although it maintained connections with local and ideological interests. The newspaper significantly contributed to public debate and to the consolidation of political and cultural awareness in the state, becoming an important agent in the construction of Piauí's memory and social history during the 1950s and 1960s.

Keywords: History. Piauí press. *O Dia* newspaper. Public opinion. Journalistic modernization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cabeçalho do Jornal <i>O Dia</i> , Janeiro 1952	26
--	----

LISTA DE SIGLAS

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2. O CONTEXTO DA IMPRENSA E A FUNDAÇÃO DO JORNAL O DIA	20
2.1 A Imprensa no Brasil e no Piauí: Caminhos e Contradições	21
2.2 A Fundação do Jornal <i>O Dia</i> e seu Posicionamento Editorial	24
3. A INFLUÊNCIA DO JORNAL O DIA NA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO ...	32
3.1 O Dia e a Opinião Pública: entre a neutralidade e o engajamento	34
3.2 Jornalismo Regional e Memória Social: O papel de O Dia no Piauí	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS	53

1. INTRODUÇÃO

O papel da mídia tem sido significativo para analisar a linguagem e a estrutura das mensagens que circulam na sociedade, tarefa essencial para pesquisadores que buscam aprimorar a competência textual dos profissionais da comunicação. No entanto, esse esforço não se limita apenas ao campo da comunicação: também é dever do historiador compreender como essas linguagens se formam, se transformam e são apropriadas pela cultura, revelando os modos como a mídia participa da construção da memória social e da interpretação histórica.

Um marco importante no processo de comunicação escrita foi o surgimento do livro. Inicialmente, ele era produzido manualmente por monges copistas. Com a invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, inaugura-se a primeira grande revolução da comunicação. Além da possibilidade de produção em série dos livros, começam a surgir novos suportes para a transmissão de informações, como o jornal, que dá origem ao jornalismo. A história do jornalismo mostra que, desde o início, sua prática combinou códigos verbais e visuais. Contudo, o desenvolvimento mais significativo dessas formas gráficas só ocorreu na segunda metade do século XIX, quando a informação gráfica passou a conquistar espaço próprio na imprensa escrita. (Aguado; Vizuite, 1995)

No final do século XIX, a evolução tecnológica transformou a produção jornalística. A invenção da prensa mecânica e, posteriormente, da rotativa, em 1848, trouxe maior agilidade ao processo de impressão, permitindo que, em 1866, já fosse possível produzir até 12 mil exemplares por hora. Outro avanço decisivo foi a introdução da fotografia nos jornais, em 1885, graças às novas técnicas de reprodução, o que conferiu maior impacto visual e contribuiu para a popularização do veículo. No contexto brasileiro, contudo, a função do jornal ultrapassava a simples tarefa de relatar acontecimentos que quebravam a normalidade do cotidiano político. Sua preocupação central era noticiar o fato político em si. Assim, na primeira metade do século XX, a atenção dos jornalistas voltou-se principalmente para os atos e decisões dos chefes políticos (Sodré, 1983).

O sociólogo norte-americano John Brookshire Thompson, especialista na influência da mídia e da ideologia na constituição das sociedades modernas, enfatiza que a globalização da comunicação, marcante em pleno século XX, foi impulsionada tanto pelo surgimento quanto pelo desenvolvimento das tecnologias de informação. No entanto, ao abordar o aspecto regional, Thompson (2008, p. 155) ressalta que a apropriação dos produtos midiáticos é sempre um fenômeno situado, “[...] no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos que

estão situados em contextos sociais e históricos particulares, que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar às suas vidas”.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a recepção da mídia não ocorre de forma homogênea ou universal, mas depende das condições culturais, econômicas e sociais de cada comunidade. Assim, ainda que a comunicação esteja inserida em um processo globalizado, sua interpretação e impacto variam conforme o contexto local. No caso do Piauí, por exemplo, os jornais impressos, tornam-se espaços fundamentais para a produção e circulação de sentidos que refletem as realidades, os valores e as identidades regionais. Desse modo, o discurso jornalístico não apenas informa, mas também participa ativamente da construção simbólica e cultural da sociedade piauiense, evidenciando como o global se manifesta de forma particular no âmbito local.

Nas décadas do século XX, a disputa entre os veículos de comunicação tornou-se cada vez mais acirrada, levando-os a adotar estratégias de marketing e práticas mercadológicas para se destacar nesse ambiente competitivo. Nesse processo, os jornais passaram a se organizar em função de um público-alvo específico, elaborando um conjunto de ações e recursos que fossem ao mesmo tempo eficazes e adequados às demandas do mercado escolhido.

De acordo com Marly Rodrigues (1994), na década de 1950, a imprensa brasileira consolidou as transformações iniciadas nos anos anteriores. As modificações e adaptações pelas quais os veículos passaram tinham como objetivo alinhar os periódicos ao ritmo da vida moderna, cada vez mais acelerado. Nesse contexto, as publicações passaram a ser orientadas pela necessidade de acompanhar o dinamismo social, tornando-se instrumentos ágeis tanto para a divulgação de notícias quanto para a propaganda. Essa mudança exigiu a modernização dos processos de impressão, do design gráfico e das técnicas de redação, promovendo um distanciamento entre a escrita jornalística e a literária.

Entretanto, na imprensa teresinense dos anos 1950 ainda predominavam textos de caráter polêmico, denunciativo e provocador de disputas, além de crônicas marcadas por forte carga adjetiva e artigos de opinião que se sobressaíam em relação às notícias objetivas e estas eram ainda pouco frequentes. Tal característica decorre, em grande parte, do perfil da cultura letrada responsável pela produção dos jornais, composta majoritariamente por bacharéis em direito, professores, acadêmicos, comerciantes e políticos. Suas opiniões refletiam um lugar social, político, econômico e cultural específico, permeado por simpatias partidárias e por uma profissionalização jornalística ainda distante dos padrões de modernização adotados nos grandes centros urbanos (Santos, 2014).

Dentro desse cenário, é importante destacar a célebre competição publicitária travada pelo jornal *O Dia*, que exemplifica como os periódicos buscavam consolidar sua presença e influência em meio à concorrência intensa. O discurso jornalístico é analisado como um espaço de construção simbólica, no qual o texto revela indícios dos processos sociais que produzem significados. Assim, de acordo com Nilsângela Lima:

Pensar as matérias jornalísticas como construção é também levar em conta que as práticas jornalísticas são fundamentais no seu processo de produção, pois o discurso apresentado na matéria jornalística, antes de ser o retrato fiel do acontecimento, é uma representação da realidade social que é fabricada, criada e delineada por um conjunto de enunciados que são permitidos de serem ditos, de acordo com os interesses da linha editorial de cada jornal e no atendimento dos critérios de noticiabilidade e credibilidade correspondentes às condições históricas e sociais em que foram produzidos. (2014, p. 17)

Desse modo, ao examinar o conteúdo jornalístico, buscava-se compreender como as práticas sociais, culturais e políticas se manifestam na linguagem e orientam a forma como os acontecimentos são representados e interpretados. O periódico, *O Dia*, utilizava anúncios de capa chamativos, em que exaltava ser o mais lido ou o mais moderno jornal do estado, destacando seu compromisso em levar notícias atualizadas ao público urbano (Ribeiro, 2007). Campanhas visuais também exploravam slogans que associavam a leitura do *O Dia* à ideia de progresso e modernidade, reforçando o vínculo entre consumo cultural e desenvolvimento social. Além disso, era comum que o jornal abrisse espaço para grandes propagandas de casas comerciais, indústrias emergentes, empresas de transporte, bancos e até mesmo do próprio governo estadual, evidenciando como o impresso funcionava como vitrine para a modernização econômica em curso.

Além das campanhas voltadas ao consumo, o periódico também era espaço de propagandas políticas, funcionando como arena de disputas discursivas. De acordo com Nilsângela Lima (2014), jornalistas e políticos faziam uso dos jornais para atacar adversários, defender partidos ou facções, construir uma imagem de intelectualidade e até mesmo para difundir o modelo de jornalismo que consideravam legítimo. Nesse sentido, a imprensa tornou-se um palco privilegiado de confrontos ideológicos, em que manchetes, editoriais e anúncios institucionais serviam tanto para consolidar posições quanto para minar a credibilidade dos opositores. Por fim, observa-se que a batalha discursiva se travou de maneira intensa em torno da figura do governador, ora sendo defendido como agente de progresso, ora criticado como responsável pelas limitações do Estado.

Teresina passou a ser vista como a porta de entrada para os novos tempos, uma capital que buscava se inserir no discurso da modernidade, ainda que marcada por fortes contradições sociais e estruturais. A imprensa, nesse sentido, funcionava tanto como veículo de informação quanto como instrumento de formação de opinião, aproximando-se do poder político e econômico em determinadas circunstâncias. Assim, em meados da década de 1950, o governo do estado iniciou uma tentativa de modernização da máquina administrativa com a criação da Comissão de Desenvolvimento do Estado, cujo objetivo era planejar o desenvolvimento econômico do Piauí em médio e longo prazo (Nascimento, 2007).

Essa iniciativa refletia não apenas uma preocupação em alinhar o estado às políticas de desenvolvimento que ganhavam força no cenário nacional, especialmente no governo Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, mas também revelava a importância de articular projetos que dessem resposta às demandas locais de infraestrutura, industrialização e integração regional. Nesse processo, jornais como *O Dia* não apenas noticiavam, mas também participavam ativamente do debate sobre o progresso, servindo como espaços de legitimação de políticas públicas e de promoção de novos ideais de modernização, ao mesmo tempo em que disputavam narrativas sobre o que significava, de fato, o “desenvolvimento” para a sociedade piauiense da época.

Nesse contexto, o jornal *O Dia* desempenhou um papel central na mediação das informações políticas da cidade. Guardando as especificidades do espaço, do período e das condições históricas em que se estruturou, a análise das matérias publicadas revela traços consistentes do quadro apresentado por Nelson Werneck Sodré (1983) sobre o fazer jornalístico no Brasil, no início do século XX. Entre 1951 e 1954, o *O Dia* concentrou suas publicações no fato político individualizado e personificado, destacando especialmente a atuação do governador Pedro Freitas, eleito pela coligação PSD-PTB em 1950. Esse enfoque evidencia o caráter político e tendencioso do periódico, que funcionava como instrumento de visibilidade e legitimação das elites governantes, refletindo a articulação entre imprensa e poder em um período de modernização administrativa ainda incipiente e restrita a uma parcela da população teresinense (Gallas; Marques; Viveiros, 2012).

Entretanto, esse movimento de modernização contrastava com a realidade cultural da cidade. Naquele período, as práticas de leitura ainda eram bastante limitadas, já que Teresina apresentava baixos índices de alfabetização. Poucos tinham acesso direto aos jornais, o que fazia do impresso um produto restrito às elites políticas e intelectuais. Nesse cenário, o jornal *O Dia* consolidava-se como um veículo essencialmente político, marcado por posicionamentos tendenciosos e pela defesa de determinados grupos de poder. Assim, enquanto o governo

buscava projetar uma imagem de modernização administrativa, a imprensa escrita funcionava como instrumento de influência das elites locais, reforçando as disputas políticas que atravessavam a sociedade teresinense.

Partindo do exposto acima é que se delimita o tema de pesquisa deste trabalho, então o objetivo é compreender a trajetória e o impacto que o jornal *O Dia* desempenhou na construção da informação no Piauí nos anos de 1952 a 1961, recorte temporal escolhido por englobar um período essencial tanto para o contexto político nacional e regional quando se considera que nesta época o Piauí ainda sofria forte influência das oligarquias, como também para o desenvolvimento da imprensa piauiense, e assim buscar entender de que maneira este jornal influenciou o debate político, social e cultural no estado no período a que se refere esta pesquisa.

Como motivação este trabalho tem o intuito de contribuir para o reconhecimento do papel da mídia local na construção da identidade cultural e histórica do Piauí e dessa forma recuperar a trajetória de um veículo de comunicação tão significativo e influente até os dias atuais, e especialmente investigar como o jornal *O Dia* influenciou a formação da opinião pública e o debate político no Piauí. Pesquisar sobre esta temática se torna importante ao realizar:

[...] à carência de uma bibliografia sobre a imprensa e o jornalismo do Piauí, no período estudado, e à farta informação sobre os próprios jornais e jornalistas contidas nas matérias que foram pesquisadas, pretende-se compreender como se deu o processo de instalação dos jornais *O Dia*, em Teresina, através do discurso autorreferencial e como cada um deles buscou instituir competências jornalísticas e regulamentos para a sua redação. (Lima, 2015, p. 3)

Portanto, apesar da pesquisa no campo da história da imprensa piauiense ser algo relativamente recente, trabalhos de Ana Regina Rêgo (2001) e Celso Pinheiro Filho (1997) ajudaram a compor uma análise do papel do jornalismo no período em questão, mesmo que estas obras foquem mais em aspectos econômicos e políticos, enquanto apresentam apenas pequenos aspectos culturais. O papel que o jornalismo desempenhava nos primeiros anos, tanto no Brasil como particularmente no caso do Piauí, era diferente de como é hoje ou de como deveria ser. A partir disso percebe-se que o uso da objetividade frente a um poder político vigente e dominante ou por questões que limitem o livre arbítrio das instituições jornalísticas é algo que ainda enfrenta problemas atualmente.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, a pesquisa foi de natureza qualitativa e contou com uma abordagem histórica e documental, a teoria e a metodologia

escolhida foi a análise do discurso através da investigação de edições do jornal *O Dia* publicadas entre 1952 e 1961, que estão disponíveis tanto em acervos físicos, como o Arquivo Público do Piauí, como também digitais, principalmente os acervos digitais do Museu de História do Piauí e Memória do Jornalismo Piauiense, buscando assim identificar as recorrências temáticas, estratégias discursivas e posicionamentos editoriais.

Com a investigação dos editoriais e notícias, buscou-se compreender não apenas os fatos noticiados, mas também os enquadramentos e discursos que revelam a posição do jornal diante da realidade social e política piauiense. Visto que, analisar as edições de acordo com o recorte temporal desta pesquisa é uma forma de se inserir e compreender o que estava acontecendo naquele período. Além disso, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico, buscando uma revisão não só da leitura sobre história da imprensa no Brasil, para entender a trajetória desse meio de informação e como foi criado até o momento em que chegou ao Brasil, e também foi feito principalmente uma revisão bibliográfica focada no estado do Piauí, para assim compreender melhor o jornalismo regional.

Em termos estruturais, além desta introdução, na qual são apresentados o tema, os objetivos, as justificativas e os pressupostos da pesquisa, o trabalho está organizado em dois capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo aborda o contexto histórico da imprensa no Brasil e no Piauí, destacando como ela surgiu atrelada aos interesses políticos e passou por um processo de transformação até o século XX. Nesse cenário, apresenta-se a fundação do jornal *O Dia*, criado em 1951 por Raimundo Leão Monteiro, e analisa-se sua estrutura, linha editorial e posicionamento como um “órgão independente, político e noticioso”. O capítulo discute ainda o papel do jornal na formação da opinião pública piauiense e sua relevância para o desenvolvimento do jornalismo regional.

Já o segundo capítulo analisa a influência do jornal *O Dia* na construção da informação e da memória social entre os anos de 1952 e 1961, investigando como o periódico atuou na mediação entre a sociedade e a política, ao mesmo tempo em que se declarava imparcial. São discutidas as tensões entre neutralidade e engajamento político, mostrando como o jornal, apesar do discurso de objetividade, assumia posições críticas e atuava como agente social ativo. Por fim, o capítulo destaca o papel da imprensa regional como espaço de construção de identidades e de preservação da memória coletiva, evidenciando a importância de *O Dia* na história cultural e política do Piauí.

2. O CONTEXTO DA IMPRENSA E A FUNDAÇÃO DO JORNAL O DIA

A trajetória da imprensa no Brasil quando relacionada à Europa ou mesmo às outras partes da América surgiu de forma tardia. Enquanto no continente europeu já existiam tipografias desde meados do século XV, nas Américas a atividade impressora, embora ainda fosse escassa, surge no século XVII no chamado Velho Mundo e somente no século seguinte surge nas Américas inglesa e espanhola. E mesmo assim eram escritos atrasados em relação à Europa e que sofriam repressões e vigilâncias por parte das autoridades e apareciam de forma irregular. Portanto, a experiência brasileira não foi diferente da América, embora só tenha surgido a partir de 1808, com a chegada da Corte Portuguesa e a instalação da tipografia da Impressão Régia, havendo a censura prévia aos impressos (Martins; De Luca, 2012).

Dessa maneira, a fundação da imprensa no Brasil ocorreu tardiamente e sofreu censuras tanto pelo poder civil, quanto pelo poder eclesial e vários homens letrados exerciam o cargo censor. Porém, antes mesmo de 1808 foram encontradas mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, que incluíam não só livros, mas também impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos de autores clássicos. Eram textos variados: narrativas históricas, poesias, textos sobre agricultura, medicina, botânica, discursos, sermões, relatos de viagens e naufrágios, literatura em prosa, gramática e até polêmicas (Martins, De Luca, 2012). Agora com a instalação da Impressão Régia, a circulação de tais escritos estava sujeita a censura, ou seja, essas obras poderiam sofrer interdição, pois deviam estar de acordo com os parâmetros religiosos, políticos e morais. Isso não era muito diferente do que acontecia em outros países, embora em alguns países os impressos florescessem em maior quantidade.

A instalação da imprensa no Brasil surgiu em um cenário de formas de transmissão já existentes, e a criação de uma impressão oficial por parte da corte veio como uma maneira de hierarquizar e organizar os impressos e circulação, e assim efetivar seu poder sobre a população, visto que “não apenas a instalação de tipografias era proibida na colônia, mas também a entrada e circulação de livros vindos do exterior.” (Souza, 2020, p. 311). Com isso, buscavam controlar o que a população consumia, privando os brasileiros do acesso à informação.

Sendo assim, será discutido neste capítulo a contextualização da imprensa no Brasil para entender como aconteceu a fundação do jornal O Dia no Piauí. O jornal O Dia surgiu em um contexto de discussão dos valores do jornal, considerando que a preocupação principal

estava em torno de criar um jornalismo moderno, semelhantes ao modelo norte-americano, mas que enfrentava problemas para se modernizar em detrimento das forças políticas locais.

2.1 A Imprensa no Brasil e no Piauí: Caminhos e Contradições

É fundamental destacar o papel importante do jornal no registro e disseminação de informação e aspectos da história, pois desde os seus primórdios a imprensa se impõe como uma força política influente, sendo os governos e poderosos os principais usuários desta ferramenta, ao mesmo tempo que a utilizam também a temem e por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais. Os jornais procuram atrair o público, tendo como objetivo conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios usados para esse fim são diversos (Capelato, 1988). A utilização da imprensa como objeto de pesquisa possibilita ao historiador múltiplas possibilidades, e em decorrência disso vêm crescendo o número de estudiosos interessados por essa fonte, e como coloca Nilsângela Cardoso Lima:

Um dos motivos que impulsionam os pesquisadores a buscar essas fontes é a riqueza do material, considerando que neles é possível visualizar um arsenal de informações e uma variedade de conteúdos sobre a realidade social, econômica, política, cultural etc. Mesmo que a realidade social representada pelo discurso jornalístico não seja uma mimese do acontecido, o jornal impresso é um veículo importante para a reconstrução do passado numa investigação científica. (Lima, 2014, p. 18)

Dessa maneira, ao mesmo tempo que reforça a importância do jornal como uma fonte de pesquisa rica em conteúdos de aspecto políticos, econômicos, sociais e culturais também alerta que apesar dessa riqueza de informações ser algo chamativo e atrativo, os pesquisadores precisam se atentar ao conteúdo dos jornais, afinal, como citado anteriormente eles surgem com o objetivo de atrair público e formular a opinião pública e isso acontece com base nos valores defendidos pelo fundador do jornal, ou seja, são discursos construídos a partir de um ponto de vista. Dessa maneira, ao analisar as fontes, o papel do historiador é o de buscar entender as motivações por trás de cada edição, ou seja, fazer uma leitura crítica e contextualizada do assunto, assim como se questionar sobre o autor da fonte, ou a quem beneficiaria determinada notícia. Com base nisso é possível compreender como a imprensa desempenha um papel essencial na formação da opinião pública e na disseminação de informações.

Portanto, a importância do jornal como um dos elementos fundamentais na formulação de opiniões e a utilização da imparcialidade foram algo bastante discutido por Nelson Werneck

Sodré (1983) na primeira metade do século XX. Segundo Sodré a passagem do século XIX para o XX marca no Brasil a transição de pequena a grande imprensa, em que os pequenos jornais, de estrutura simples, cedem lugar a empresas jornalísticas, com estrutura específica e equipamento gráfico para a função, ou seja, o jornal como empreendimento individual, encontrando refúgio somente em cidades pequenas, cede lugar para a empresa capitalista, e por sua vez o jornal como parte do sistema capitalista deveria cumprir as vontades do poder dominante. Nesse período de transição poucos jornais se apresentavam como oposição ao governo, e Sodré (1983) destaca que nem essas transformações foram suficientes para eliminar a linha tênue entre imprensa e poder político. Para o autor, a imprensa não é um instrumento neutro ou isento, e a “imparcialidade” jornalística surge como uma maneira de disfarçar as posições políticas adotadas por muitos veículos de informação.

A imprensa surgiu no Brasil de forma tardia, quase 300 anos após o início do processo de colonização, por iniciativa oficial com o advento da Corte de D. João Antônio de Araújo no ano de 1808. A administração da Impressão Régia¹ caberia a uma junta responsável por analisar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes. Era uma forma de censura que garantia que nada seria repassado sem que antes fossem analisados pelos censores reais². A partir daí surgiu em 10 de setembro de 1808 o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*³, em pobre papel impresso e preocupado majoritariamente em relatar acontecimentos relacionados a Europa (Sodré, 1983). Ademais Sodré destaca como era a *Gazeta do Rio de Janeiro*:

Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que haviam criado. Armitage situou bem o que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*: “Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume.” (Sodré, 1983, p. 20)

¹Composta por José Bernardes de Castro, oficial da Secretária de Estrangeiros e da Guerra, Mariano José Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa.

² Os censores reais eram constituídos por frei Antônio de arrábida, o padre João Manzoni, Carvalho e Melo e José da Silva Lisboa.

³ Como a imprensa brasileira surgiu por iniciativa oficial, foi da administração da Impressão Régia que surgiu em 10 de setembro de 1808 a primeira edição da *Gazeta do Rio de Janeiro*. (Sodré, 1983)

Dessa maneira, percebe-se que inicialmente, além de focar em acontecimentos estrangeiros, os periódicos foram criados com o intuito de servirem como propaganda política. Havia casos de jornais como o *Correio Braziliense*⁴ que focava em defender a causa anticolonialista, com algumas dezenas de folhas circulando pelo Rio de Janeiro em 1822. O crescimento da ideia de uma liberdade de expressão se efetiva em 9 de março de 1821, quando a Corte Portuguesa decreta a liberdade de imprensa, produto de uma atitude inesperada de D. Pedro, decretando assim o fim da censura prévia no Brasil (Rêgo, 2001). Ademais Ana Regina Rêgo (2001) ainda discute acerca do cenário político brasileiro após este decreto, sendo marcado por agitações em que um lado apoia o regime monárquico constitucional e o outro luta pelo fim do regime por razões econômicas, e como colocam Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca “Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.” (2012, p. 07). Isso demonstra como a imprensa brasileira não apenas esteve presente desde o seu surgimento, como também atuou ativamente na construção de tais acontecimentos, se tornando fundamental na reconstrução crítica do passado.

Portanto, entender o contexto histórico da implantação da imprensa no Brasil é essencial para compreender a importância da imprensa na política nacional, e assim discutir o caso específico da imprensa em solo piauiense, visto que, enquanto as principais cidades brasileiras estavam usufruindo do início da divulgação de uma imprensa essencialmente política em 1822, o surgimento da imprensa no Piauí acontece tardiamente quando comparado aos demais estados, o atraso da chegada de ideias inovadoras se deve ao fato do Piauí possuir um ambiente político dominado pelo conservadorismo e com grande influência das elites piauienses⁵, aparecendo oficialmente apenas em 1832, na então capital Oeiras e seguia o modelo da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ou seja, tinha como meta noticiar e lançar publicações

⁴ Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu o *Correio Brasiliense*, em Londres – não surgindo então por meio de forças internas, algo que o proprietário prezava pois segundo ele existia a dificuldade de publicar obra periódicas devido a censura prévia –, durante todo o tempo de vida do jornal. A primeira edição deste jornal apareceu três meses antes da data que surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1808 na Corte. Sendo os dois diferente em tudo, na quantidade de folhas – *Gazeta do Rio de Janeiro* possuía periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, enquanto o *Correio Braziliense* era brochura de mais de cem páginas, muito mais doutrinário do que informativo –. O jornal de Hipólito tinha como objetivo se distanciar dos demais jornais da época ao buscar conquistar opiniões, pretendendo pesar na opinião pública. (Sodré, 1983).

⁵ Segundo Ana Regina Rêgo (2001), o quadro de tutela familiar não é algo exclusivo do Piauí na historiografia da imprensa brasileira, sendo a imprensa do período imperial marcada por confusões entre jornalismo e burocracia estatal. No cenário piauiense são as famílias que dominam o espaço político, e onde bacharéis e militares ocupam os principais cargos. Através do contexto apresentado por Rêgo é possível compreender como a imprensa piauiense gradativamente incorpora valores, princípios e comportamentos próprios.

oficiais sobre as ações governamentais para conhecimento do público e com isso apresentar uma imagem positiva do governo. Ademais, assim como na Corte, a imprensa no Piauí resulta da iniciativa governamental do então presidente da província, Manoel de Sousa Martins. Tendo *O Piauiense*⁶, como um dos primeiros jornais no ano de 1832, que tinha como redatores os Padres Amaro Gomes dos Santos e Antônio Pereira Pinto do Lago e o caráter oficial impera em seu discurso, O período em que se instaurou a imprensa em solo piauiense maior parte dos jornais fundados eram pertencentes a algum poder político como é o caso de *O Telégrafo*⁷, um jornal ligado aos Sousa Martins, com o objetivo de trabalhar a opinião pública a favor do futuro Visconde da Parnaíba, na questão do conflito entre balaaios e governo (Rêgo, 2001). Com isso a autora demonstra que o impacto do jornal na construção da informação no Piauí, pois desde o seu surgimento o jornal foi utilizado como uma ferramenta responsável por formar a opinião pública, e isso é feito com base no ponto de vista que o proprietário busca mostrar para a população piauiense.

O Dia surgiu com a meta de se destacar como um órgão isento de compromissos com partidos políticos, buscando se comprometer com a verdade objetiva e imparcial – porém ao analisar as matérias percebe-se que os jornais não eram completamente imparciais e continuavam opinativos sobre o que publicavam –, sendo um dos primeiros a demonstrar tal preocupação com a liberdade editorial e reconfiguração das forças locais, pois ainda era frequente “o interesse de que elas funcionassem como tribunas dos políticos e/ou partidos políticos as quais pertenciam ou haviam sido arrendadas.” (Lima, 2015, p. 02). E com isso a autora se refere ao fato de que muitos veículos de informação não atuavam com neutralidade e sim como instrumentos de interesses políticos.

O jornalismo regional é uma importante ferramenta de desenvolvimento local, pois possibilita o acesso a informações que dialogam diretamente com a realidade dos cidadãos, e como destaca Celso Pinheiro Filho “a partir do aparecimento da imprensa, a história passou a ser descrita dia a dia, sendo os acontecimentos narrados com luxo de detalhes”. (1997, p. 2016). *O Dia* como um dos principais veículos de comunicação no Piauí, desempenhou um papel fundamental na história da imprensa do estado, sendo responsável por cobrir acontecimentos históricos, denunciar injustiças e promover debates sobre temas de interesse público.

⁶ Segunda Regina Rêgo (2001) atualmente não é possível localizar nenhum de seus exemplares em arquivos públicos.

⁷ De acordo com Celso Pinheiro Filho (1997), *O Telégrafo* foi o primeiro jornal noticioso, de modo geral, embora semioficial. Surgiu em meio ao conflito da Balaiada, podendo até ser considerado acidental o seu nascimento, como um meio de dar cobertura aos acontecimentos do conflito.

2.2 A Fundação do Jornal *O Dia* e seu Posicionamento Editorial

Será discutido o papel do jornal na formação da opinião pública em Teresina e no Piauí durante os anos 1950 e início da década de 1960, avaliando suas escolhas editoriais e seu envolvimento em temas centrais da sociedade piauiense. A análise de notícias e editoriais mostrará de que modo o jornal influenciou debates sobre política, cultura e sociedade. A obra de Maria Helena Capelato (1988) servirá como suporte teórico para discutir a disputa por corações e mentes travada pelos jornais, destacando as formas sutis ou explícitas de engajamento, ademais, o livro de Jurgen Habermas (2003)⁸ será utilizado para compreender como a evolução da esfera pública e as mudanças sociais e políticas impactaram a comunicação e a formação da opinião pública. Em relação ao termo opinião pública, Habermas discorre que a palavra pública sofreu diferentes mudanças até chegar no significado que tem hoje:

Na Inglaterra, a partir da metade do século XVII, fala-se de “*public*” em relação ao que antes se costumava chamar de “*world*” ou “*mankind*”. Assim também, em francês, *le public* serve para designar aquilo que, de acordo com o dicionário dos irmãos Grimm, tinha se difundido no século XVIII como “*Publikum*” [...] diferencia o público que se reúne como multidão em torno de um orador ou de um ator em locais públicos, do público leitor; mas em ambos os casos trata-se de um “público que julga”. O que é submetido ao julgamento do público ganha “publicidade”. [...] Na Inglaterra “*public Opinion*” surge mais ou menos na mesma época; de fato já bem antes, no entanto, se falava de *general opinion*. (Habermas, 2003, p. 41-42)

Fundado em 01 de fevereiro de 1951 por Raimundo Leão Monteiro⁹, na cidade de Teresina, capital do Piauí. O Jornal *O Dia* é um dos veículos de comunicação mais tradicionais e influentes do estado. Desde sua criação o jornal tem contribuído significativamente para o desenvolvimento da imprensa piauiense, influenciando o debate público, divulgando informações de interesse social, e ajudando na construção da identidade cultural da região, visto que, é possível apontar nas matérias analisadas entre 1951 e 1961 a objetividade e imparcialidade - no que se refere a tomar partido de algum lado político¹⁰ -, enquanto ainda era

⁸ O autor em seu livro faz uma reflexão acerca das transformações sociais que afetam a comunicação pública, fazendo uma análise panorâmica de diferentes fases históricas contribuintes para as mudanças sociais. Sendo um dos principais tópicos a transição de uma esfera pública burguesa para uma esfera pública mais diversificada e inclusiva, e com base nessas transformações entender o papel da mídia e da tecnologia na formação da opinião pública.

⁹ Raimundo Leão Monteiro, empresário proprietário do jornal, era conhecido como “Mundico Santídio” e pelo apelido “Mão de Paca” devido a um defeito em uma das mãos. Influente nos meios políticos em geral e conhecido pela coragem em expressar seu pensamento independente de críticas. (Vilarinho, 2015)

¹⁰ Essa iniciativa remete a vontade de estar à frente das mudanças, demonstrar um novo tipo de imprensa e “isso implicava em aproximar-se do cidadão comum, afastar-se da luta político partidária, usar uma linguagem mais acessível, saciar a curiosidade do homem comum sobre o avanço da ciência, explorar o interesse pelas aberrações, pelos crimes e por outros assuntos sensacionais [...]” (Moreira, 2014, p. 50)

notório o número de órgãos da imprensa que mantinham ligações com partidos políticos, ademais o jornal *O Dia* se intitulava como um “órgão independente, político e noticioso”, e isto pode ser observado em destaque abaixo do nome do jornal nas edições.

Figura 1 – Cabeçalho do Jornal *O Dia*, Janeiro 1952



Fonte: Museu de História do Piauí. Disponível em <Museu de História do Piauí - Jornal O Dia> .,

Inicialmente o jornal *O Dia* se apresentou de tamanho pequeno, circulando nos dias de quinta e domingo pela manhã. A estrutura a princípio funcionava no quintal da casa do proprietário Raimundo Leão Monteiro e era feito por colaboradores e amigos¹¹, pois não possuía capital para formar um corpo redacional estruturado, enfatizando assim o uso das palavras “órgão independente” na frase estampada na primeira e última página do jornal. E como caracteriza Nilsângela Lima acerca do modo como se estruturou o jornal:

Inicialmente, o jornal era matutino dominical e circulava semanalmente com quatro, seis ou até oito páginas, no formato tablóide. Mais tarde, passou a circular nas quintas-feiras e aos domingos com dez ou doze páginas, nas quais eram organizadas seções que abordavam diferentes temas em notícias, artigos, crônicas, humor, coluna social, cartas do leitor, matérias pagas e anúncios. Além de proprietário, Raimundo Leão Monteiro assumiu a responsabilidade de diretor-redator de *O Dia* e teve como redator-chefe, em 1951, o escritor Bugya Brito, que logo depois foi substituído por Alencar Soares. (Lima, 2014, p. 43-44)

Seu surgimento com o objetivo de se distanciar e se destacar como um “órgão independente”, destacando assim sua independência, e como coloca Nilsângela Lima (2014, p. 45) o termo “independente” forjava uma identidade para o jornal, ao frisar sua independência financeira em relação aos partidos políticos, visto que o órgão não era sustentado por nenhum

¹¹ Pedro Conde, Arimatea Tito Filho, Valdemar Sandes, Olímpio Costa e outros.

deles. Porém, ao se identificar como “órgão independente”, falha em mencionar que grande parte dos jornais, utilizando-se do pretexto de informar, acabam por reforçar visões de mundo relacionadas a quem escreve as matérias.

O termo citado acima se torna parte de seu lema e uma maneira de lembrar aos leitores que são diferentes, diante dos demais jornais da época, definindo assim sua linha editorial e com isso percebe-se um esforço em constituir um jornalismo de informação no espaço público piauiense. Vale destacar, que *O Dia* foi arrendado em 1962 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em razão de seu caráter independente diante dos partidos políticos da época, e por ser o jornal de maior circulação do Piauí e Maranhão, ficando sob o comando do PTB de maio a outubro (Lima, 2014, p. 58). Isso demonstra a importância de se questionar “quem fala pela imprensa?”, “com qual finalidade?” e “em nome do que?”, enfatizando a necessidade de compreender o jornal não apenas como uma fonte informativa, mas sim como um agente histórico e ideológico.

Ademais, no momento de sua constituição o país estava sendo tomado por uma reconstrução democrática após o Estado Novo e recebia como presidente eleito democraticamente Getúlio Vargas, além de transformações urbanas, industriais e socioculturais que aumentaram a circulação de jornais e contribuiu para que mais pessoas tivessem acesso à informação – embora a questão da alfabetização da população brasileira ainda fosse preocupante, sendo em maior parte a população letrada membros da elite brasileira¹² –, enquanto isso o Piauí considerado atrasado por ainda viver sob forte influência das elites políticas locais, com disputas oligárquicas, além disso ainda era fortemente rural e agrário, e por isso:

Passamos, daí por diante, a nos aborrecer com aquilo que havia sido, até então, o nosso orgulho: dizer que éramos um país essencialmente agrícola. No mundo industrial isto queria dizer: essencialmente atrasado, fornecedor exclusivo de matéria-prima. [...] No Piauí, a esse tempo, começou-se a reagir. Foi iniciada a construção da estrada de rodagem para Fortaleza. O caminho substituiu as tropas de animais. E, mais importante ainda, chegou-nos o avião. Fizemos, em face de tudo isto, a descoberta sensacional de que o Brasil é um só. Começamos a tomar nítida consciência de nosso atraso, não para constatá-lo e ficar nisso, mas para procurar também meios de superá-lo. (Filho, 1997, p. 198)

¹² No caso específico do Piauí, “o acesso à instrução é ainda mais restrito, devido ao número irrisório de instituições escolares existentes. O processo educativo mais comum se dá na esfera das próprias famílias, que contratam preceptores para ensinar as primeiras letras aos filhos, comumente, nas casas ou fazendas, envolvendo por vezes, vários alunos aparentados.” (Rêgo, 2001, p. 185)

Portanto, desde sua primeira edição em 1951, e com permanência do lema “Órgão independente, político e noticioso”, o jornal *O Dia* buscou demonstrar que não era um jornal ultrapassado, pelo contrário, estaria surgindo como um representante do jornalismo moderno no Piauí, e seguiria então de forma independente enfatizando não possuir interesses partidários, em favor de se comprometer com um jornalismo objetivo e imparcial. Então “independente” pela sua independência financeira e “político e noticioso” para destacar seu comprometimento em se manter engajado politicamente e noticiar fatos verdadeiros em seus editoriais. Com isso, era constante notícias de denúncias a respeito de falhas, erros de gestão, irresponsabilidade ou fraudes administrativas, com o intuito de mostrar seu comprometimento com a população e seus interesses, assim como demonstra o escritor Agismar seu descontentamento com a gestão:

P.S.D.

O P.S.D é realmente um partido sem chefe, sem dono, fadado ao irremediável fracasso. Perdeu o senso de direção, a unidade partidária, sofre do *delirius* da época, neste tempo de transição aguda nos homens responsáveis pela rotação político-partidária. [...] Fez-se governo pela vontade popular e perdeu a noção de tempo, e equilíbrio político, a unidade partidária, deixando-se vencer pela inércia, pelo comodismo palaciano, pela ilusão governamental, julgando-se dono do mundo, firme como o Pão de Açúcar. [...] Tenho criticado acerbamente o sr. Governador no tocante a sua linha partidária, a sua “política de dois bicos”. Mas tenho analisado os fatos e a evidência levou-me a esta ressalva justiceira. Não é possível fazer política partidária, desenvolver o programa do Partido se esse mesmo Partido fecha-se em copa, vive na inércia, não dá um passo para a frente, e ao governador não cabe fazer milagres, não pode arcar com toda a responsabilidade, sustentar todo o peso da política, com todos os pecados partidários [...] (P.S.D. *O Dia*, Teresina, ano I, n. 49, p. 3, 6 janeiro 1952)

A matéria revela tanto desilusão quanto cobrança política por parte do autor da matéria, cobrança crítica formulada de maneira agressiva e percebe-se tal fato pelas palavras “fadado ao irremediável fracasso” ou “sem chefe, sem dono”, e isso demonstra a falta de neutralidade na composição da matéria, todavia, tenta suavizar os ataques, deslocando a culpa para o próprio partido. Então, a postura adotada pelo jornal *O Dia* é de vigilância e autoridade moral, revelando o papel da imprensa como agente ativo no debate público, e de uma maneira que o órgão não apenas relate os fatos, mas também interfira, cobre e construa interpretações políticas.

Isso demonstra que *O Dia* não apenas assumia um papel de oposição crítica, como também de responsável pela formulação de opinião pública, especialmente quando se considera sua importância como meio de comunicação capaz de transmitir informações, interpretar acontecimentos e influenciar percepções coletivas. Por isso, na edição de número

cinquenta e três, comemorando os dois anos de sua fundação, novamente enfatizam as metas do jornal e reforçam seu comprometimento com o coletivo:

A CAMINHO DO FUTURO

Após um ano de lutas, de sacrifícios e incompreensões, em que arrostamos as incertezas e vicissitudes da longa caminhada palmilhada dia a dia, sem tibieza ou esmorecimento, honra-nos sobremodo ter dignificado o nosso trabalho pela perseverança, sem temer os insucessos do futuro, na árdua e patriótica tarefa de defender as justas aspirações do povo piauiense. [...] Atingindo a 1º. do corrente o primeiro marco de sua existência, o nosso Jornal não receia faltar aos compromissos que assumiu com o povo e como órgão independente, político e noticioso continuará na liça, fiel ao programa que lhe foi traçado desde o seu aparecimento. Apesar das dificuldades de ordem material com que sempre lutam os jornais provincianos como o nosso, não temos medido esforços para acompanhar o progresso e a evolução da imprensa brasileira. Sem receber auxílios e subvenções do poder público ou favores de partidos políticos, por isso mesmo é privilegiada a nossa posição, tornando-nos alheios aos interesses imediatos de grupos. [...] (A Caminho Do Futuro, *O Dia*. Teresina, ano II, n. 53, p. 1, 3 Fevereiro 1952)

Nesta matéria, *O Dia* ressalta seu trabalho com povo e com a meta inicial que foi lançada na sua criação, que era “defender as justas aspirações do povo piauiense”, isso demonstra a tentativa de vincular o jornal a uma missão quase heroica, reforçando seu posicionamento ideológico. Novamente reforça sua autonomia diante do poder público e partidos quando destacam que não recebem subornos ou favores e que mesmo com as dificuldades materiais continuam lutando a favor do progresso da imprensa brasileira e isso tudo sem receber subornos ou auxílios de grupos políticos.

O uso contínuo do nós como autorreferenciação, seja de forma direta ou indireta, remete a um jornalismo moderno que tem como base a imparcialidade e a objetividade, já idealizados pelos jornalistas brasileiros nos anos 1950, buscando se estabelecer como um lugar de verdades e proximidade com o leitor (Lima, 2014). Porém, *O Dia* ao mesmo tempo que destaca sua independência e constrói uma imagem de credibilidade ao assumir tal discurso também se coloca como ator político estratégico, se colocando como instrumento de mediação entre o povo e a política piauiense.

Através da análise destes jornais fica nítido que o compromisso de *O Dia* era com o povo e não com o partidarismo, o jornal justificava que a ação dos seus jornalistas na produção de um discurso jornalístico tinha como objetivo a formação da opinião pública e a crítica contra homens corruptos (Lima, 2014). A preocupação de *O Dia* com o interesse público e as críticas ao governo eram recorrentes a ponto de pedir apelo aos piauienses como uma forma de prestar apoio coletivo frente ao descaso do governo com questões internas “deixa-nos compungidos ao notarmos o descaso dos altos poderes da República, não nos proporcionando um auxílio

[...]” (Pontos de Vista. Apêlo aos piauienses. *O Dia*. Teresina, 3 fev. 1952, ano II, n. 53, p.1). Ao atuar de maneira independente, a imprensa acaba exercendo função fiscalizadora, denunciando negligências e gerando debates como é o exemplo da tentativa acima do jornal *O Dia*, e assim contribuindo para que a população se entenda como parte de um mesmo espaço político e social. Portanto, estes recortes demonstram como o jornal *O Dia* configurou sua identidade editorial, direcionando o foco da atenção pública a assuntos omitidos ou ignorados pelo governo, assim como discute Desidério Quaresma¹³ “Quando muito acuado pela imprensa o governo do Estado dá explicações confusas e desculpas amarelas sobre o andamento do serviço de conserto da rede elétrica [...] (Emprestimos e Esmolas. *O Dia*. Teresina, 11 jan. 1953, ano II, n. 102, p. 1).

Portanto, ao contrário de outros jornais como *A Cidade*, instalado em Teresina no mesmo ano, e fundação do jornal *O Dia*. Surgiu a partir de um conjunto de interesses de políticos vinculados ao Partido da União Democrática Nacional (UDN), sendo definido como um “Órgão do Diretório Municipal e da Bancada de Vereadores da UDN”, tendo como lema a frase “Jornal político e de interesse do povo” e com isso trazia em seu bojo um caráter panfletário, militante e doutrinário do jornalismo brasileiro do final do século XIX e início do século XX (Lima, 2014, p. 61). Enquanto isso, o jornal *O Dia* incorporava um projeto de modernização jornalística que se pretendia objetivo e formador da opinião pública. Ademais, Lima (2014), ao destacar que o jornal *A Cidade* possuía um caráter “panfletário, doutrinário e militante”, significa dizer que se afastam da ideia de imprensa neutra e informativa, nesse contexto funcionava como instrumento de propaganda partidária e arena de disputa entre grupos políticos.

O jornal *O Dia* se destacou no cenário piauiense pelo seu papel como veículo ativo na construção da informação e na formação da opinião pública. Desde sua fundação foi tornando-se uma das vozes mais influentes do estado, sempre a frente dos debates políticos e sociais da época. Sua trajetória inicial é marcada pela construção da imagem de um órgão independente, comprometido com os interesses da população piauiense e livre da influência das políticas partidárias que tomavam conta do cenário local.

Entre as estratégias que o diferenciavam dos demais periódicos, temos o discurso de autonomia, um tom editorial crítico contra a oposição e ao governo, e um jornalismo moderno que busca o alinhamento com o jornalismo nacional. O lema presente desde a sua fundação: “órgão independente, político e noticioso”, possibilitou ao jornal *O Dia* uma posição

¹³ Um dos pseudônimos utilizados pelo proprietário do jornal, Raimundo Leão Monteiro. (Vilarinho, 2015)

privilegiada de mediação entre os acontecimentos e os leitores, e isso permitiu que *O Dia* se destacasse não apenas como testemunha dos fatos, mas também como agente ativo no cenário político e cultural da região. Contudo, como foi discutido brevemente, a questão da imparcialidade do jornal *O Dia* é algo a ser analisado e isso será realizado no capítulo seguinte deste trabalho, através da discussão de como o jornal equilibrava sua autodeclarada imparcialidade frente os acontecimentos, assim como a discussão sobre o conceito de memória social, mostrando como *O Dia* exercia o papel de selecionar acontecimentos, construindo uma memória política no Piauí. A memória social segundo Jacques Le Goff (1990, p. 423) é uma propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em “primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, então com base nisso percebe-se que pode haver problemas pois a memória pode ser seletiva em relação as memórias que deseja lembrar.

3. A INFLUÊNCIA DO JORNAL O DIA NA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

Como foi discutido brevemente no início, a imprensa brasileira sofreu transformações profundas na década de 1950, principalmente pela ascensão do modelo norte-americano de imprensa, e assim provocou a modernização das empresas dos textos e também da profissionalização dos artistas (Ribeiro, 2003). De acordo com Ana Paula Ribeiro (2003), o jornalismo e a literatura inicialmente se confundiam, e por isso muitos jornalistas eram também ficcionistas, dessa forma, os periódicos brasileiros seguiam o modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita se aproximava da literatura.

Ademais, o jornalismo também possuía relações estreitas com a política, e até a década de 1940, a maioria dos diários ainda era essencialmente um instrumento político, ou seja, eram utilizados como porta-vozes do Estado, sendo o conteúdo escrito especialmente de opinião “e a linguagem da maioria dos jornais era em geral agressiva e virulenta, marcada que estava pela paixão dos debates e das polêmicas.” (p. 148), sendo comum ao analisar recortes de jornais dessa época uma linguagem agressiva com utilização de nomes para atacar uma figura pública da qual se está criticando em uma notícia, por exemplo.

Somente na década de 1950 iniciaram as mudanças em relação ao posicionamento das notícias que aconteceu quando foi introduzido o jornalismo empresarial como substituto do político-literário. Esse jornalismo empresarial se caracterizou pela transmissão de uma notícia fundamentada na “objetividade” e na “imparcialidade”. Com isso, aos poucos a imprensa foi se afastando dos comentários e da opinião e passou a ser pensada como um lugar neutro e independente, sendo reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdades. No caso do jornalismo piauiense, a década de 1950 marca um período de crescimento para a imprensa escrita em Teresina, pois é nessa época que “entram em cena novos jornais com o interesse de apresentar ao público leitor os mais diferentes acontecimentos da vida econômica, social e cultural ocorridos em nível local, nacional e internacional, fixando um olhar especial para a política.” (Lima, 2013, p. 01). Neste cenário, é fundado em fevereiro de 1951, o jornal *O Dia*, que se consolidou como um dos principais veículos de imprensa do estado do Piauí e desde suas primeiras edições, o periódico apresentou uma linha editorial voltada para uma discussão imparcial e objetiva dos fatos, se afastando dos demais jornais que apresentavam suas informações segundo seu patrocinador político, visto que este período no Piauí ainda possuía a presença das oligarquias e por isso os jornais também recebiam a influência política de algum partido, e o jornal *O Dia* surge com o objetivo de se distanciar disso e trabalhar com fatos de maneira objetiva para repassar à população e assim fazer com que eles possam formar a sua

própria opinião e senso crítico em relação a determinado tema, e também por ser responsável do registro da memória social de seu tempo.

Habermas (2003) entende opinião pública como produto de um espaço de debate racional-crítico, e a esfera pública representa uma dimensão do social que atua como mediadora entre o Estado e a sociedade, papel esse semelhante ao da imprensa como mediadora de informações. Ademais, sobre o conceito de Habermas (2003), Cristiana Losekann (2009) discute acerca do caráter excludente da esfera pública burguesa, era restrita: “a esfera pública burguesa estava formada pela junção de um conjunto de pessoas privadas, reunidas para discutir as questões privadas publicamente relevantes.” (2009, p. 40). Ou seja, não incluía mulheres, trabalhadores e as camadas populares.

Habermas até alerta que a esfera pública é o acesso a todos, mas Losekann (2009) enfatiza que o todos neste caso, se refere exclusivamente ao burguês do século XVIII. Nesse sentido, a imprensa local, como é o caso de O Dia, apresentava-se como voz da sociedade, mas era escrita e consumida por uma elite letrada e urbana, quando se considera que grande parte da população era analfabeta e vivia em áreas rurais, logo não participavam diretamente desse espaço público. Então. Vale ressaltar que a opinião pública que emergia do jornal não era necessariamente a da sociedade piauiense, mas de um segmento social restrito, reforçando a ideia de uma esfera pública excludente, que fabricava uma memória e identidade regional segundo a mediação das elites.

Este capítulo tem como foco o recorte temporal dos anos 1950 e até 1961, década em que o jornal O Dia vivenciou diversas transformações do Estado e refletiu sobre as mudanças político-sociais em suas páginas, assim como desafios e conquistas da população piauiense, assim como é possível observar neste recorte as mudanças que aconteceram internamente na estrutura do jornal. Essa delimitação temporal é relevante porque permite observar como o periódico se posicionava diante dos principais acontecimentos políticos, sociais e culturais da época, além de revelar transformações no próprio fazer jornalístico no contexto local.

Estudar o jornal O Dia é essencial para compreender o papel da imprensa no processo de formação da opinião pública no Piauí, e sendo o jornal O Dia um dos jornais mais antigos e influentes do estado, suas páginas oferecem uma rica fonte para analisar não apenas os fatos noticiados, mas também os discursos e ideologias que circulavam naquele período, e com isso entender as estratégias utilizadas pelos redatores do jornal em suas notícias para influenciar o debate político, social e cultural no Estado ao longo de sua história. Além disso, o jornal contribuiu para registrar e moldar a memória social e política do estado, sendo um testemunho valioso da história piauiense, devido a isto se torna importante analisar a trajetória do jornal O

Dia em Teresina para entender seu papel fundamental na construção da informação no Estado do Piauí desde sua fundação até os dias atuais.

Em relação aos objetivos, este trabalho tem como finalidade compreender de que modo o jornal *O Dia* se tornou fundamental no processo de formação da opinião pública piauiense, ao mesmo tempo em que se tornou um registro da memória social piauiense entre os anos de 1951 e 1961. Por isso, a análise considera que o jornal *O Dia* não se limita apenas a informar, mas também a agir como um mediador cultural à medida que se impõe como uma instituição comprometida com os fatos. Sendo o jornalismo regional uma importante ferramenta de desenvolvimento local, pois possibilita o acesso a informações que dialogam diretamente com a realidade dos cidadãos. Portanto, a imprensa atua como ponte entre política, cultura e identidade regional, ao discutir *O Dia*, vale ressaltar que o jornal surgiu com a premissa de não ser apenas mais um veículo de comunicação, mas também um agente social responsável por difundir valores, debates e narrativas, cobrindo acontecimentos históricos que abrangem tanto a política como questões culturais da região, e ao valorizar tradições e problemáticas locais, o jornal acaba criando um sentimento de pertencimento coletivo.

E com isso, para entender o processo de construção da informação em Teresina, através da contribuição do jornal *O Dia*, primeiramente foi preciso compreender o panorama geral da imprensa piauiense e ressaltando que os estudos em relação à esta temática e que abordem o período que compreende ao século XX especialmente, são escassos, porém foi possível identificar o contexto analisado nesta pesquisa na obra *História da Imprensa no Piauí* de Celso Pinheiro Filho (1997), e também apoio em autores da história cultural da imprensa em um panorama geral como uma forma de buscar compreender melhor o aspecto conceitual da imprensa.

3.1 O Dia e a Opinião Pública: entre a neutralidade e o engajamento

Neste ponto, será discutido o papel do jornal na formação da opinião pública em Teresina e no Piauí durante os anos 1952 e 1961, avaliando suas escolhas editoriais e seu envolvimento com temas centrais da sociedade piauiense. A análise de notícias e editoriais mostrará de que modo o jornal influenciou debates sobre política, cultura e sociedade. A obra de Maria Helena Capelato servirá como suporte teórico para discutir a disputa por corações e mentes travada pelos jornais, destacando as formas sutis ou explícitas de engajamento, ademais, o livro de Jurgen Habermas será utilizado para compreender como a evolução da esfera pública e as mudanças sociais e políticas impactaram a comunicação e a formação da

opinião pública. Ademais, o artigo de Nilsângela Lima sobre *O Dia* e o jornalismo em transição nos anos de 1950 entrará como suporte para compreender como o jornal *O Dia* incorporou a objetividade e a imparcialidade como critérios indispensáveis para a produção das notícias.

A discussão sobre o papel da imprensa na formação da opinião pública exige considerar sua dimensão política e ideológica. Como discute Capelato (1988, p. 15), “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos”. Nesse sentido, o caso do jornal *O Dia* ilustra a tensão entre neutralidade e o engajamento. Ao mesmo tempo em que se apresentava como um veículo comprometido com a imparcialidade informativa, recurso que legitimava sua credibilidade perante o público leitor, o jornal assumia posições políticas claras em determinados momentos, funcionando como porta-voz de interesses específicos de grupos locais.

Essa dualidade evidencia a condição paradoxal da imprensa regional, pois enquanto reivindica a função de mediadora neutra da realidade, participa de forma engajada das disputas políticas e culturais do espaço em que se insere. Em relação a contradição de se apresentar um jornal neutro e imparcial enquanto age de maneira engajada em disputas políticas, Nilsângela Lima relata a fala de um dos jornalistas de *O Dia*:

Na matéria “Ratificando trincheiras”, publicada em *O Dia* a 07 de junho de 1953, Claudius analisava que o jornalista deveria escrever de forma clara e ser honesto na emissão de conceitos sobre fatos e pessoas. Para ele, o uso de uma linguagem comedida e serena, tanto quanto possível de ser usada no jornalismo, implicaria o preceito de honestidade do jornalista e na verdade da notícia por ele produzida (CLAUDIUS. Ratificando trincheiras. *O Dia*. Teresina, 7 jun. 1953, ano III, n. 123, p. 1). Claudius entendia que o “ódio incontido” ou a paixão turbulenta”, quando empregada pelo jornalista na produção da notícia e na apreciação do fato político, era incompatível com a “razão”, o que deveria ser uma regra indispensável para o jornal *O Dia* e para quem escrevia para o povo de forma “honesta” e “sincera”, no esclarecimento da ação dos homens públicos. (Lima, 2015, p. 07)

Assim, a análise das edições de 1951 a 1961 permite perceber como o jornal *O Dia* ora mobilizava discursos de neutralidade, aproximando-se da noção de imprensa independente, ora adotava estratégias de engajamento explícito, reforçando pautas que eram de seu interesse, como exemplo o recorte de uma das edições do jornal citado anteriormente neste trabalho, quando o escritor Agismar demonstra seu descontentamento com a gestão¹⁴. Isto não apenas

¹⁴ P.S.D. *O Dia*, Teresina, ano I, n. 49, p. 3, 6 janeiro 1952.

compromete a imparcialidade jornalística, como revela o jornal como ator social, produtor de sentidos e participante na construção da identidade política e cultural do Piauí.

Por isso, Habermas (2003) discute acerca de um espaço pautado pelo ideal de racionalidade crítica, mas que sofre progressivamente pela influência de interesses econômicos e políticos, com isso demonstra que a imprensa ocupa um papel central nesse processo, pois ao mesmo tempo em que possibilita a circulação de ideias e debate, também sofre pressões estruturais que condicionam sua autonomia. Dessa maneira, relacionando isto ao jornalismo regional brasileiro, torna possível compreender como veículos como o jornal *O Dia* reivindicavam o lugar de mediadores imparciais, mas não estavam imunes as relações de poder locais e nacionais.

Essa tensão entre neutralidade e engajamento reforça a ideia de que a imprensa não deve ser compreendida apenas como transmissora de informações, mas como agente social ativo, inserido em disputas mais amplas pela hegemonia política e cultural. Em consonância com Habermas (2003), Capelato (1988), pode-se afirmar que *O Dia* participou da constituição de uma esfera pública piauiense, marcada por contradições entre o ideal de independência jornalística e as práticas concretas de alinhamento político. Dessa forma, a análise de suas edições permite perceber que o jornal não apenas refletia a opinião pública, mas também a moldava, assumindo um papel fundamental na construção da identidade política e cultural da região.

Portanto, fazendo uma análise mais profunda do conteúdo dos jornais nos anos de 1950, Nilsângela Lima discorre sobre como o jornal *O Dia* se portou diante da nova premissa da década, questão já levantada por Nelson Werneck Sodré (1983) em que o jornalismo deveria considerar a importância da objetividade e da imparcialidade, mas que muitas vezes era apenas uma cortina de fumaça para esconder os verdadeiros interesses do jornal ao se mostrar como uma fonte de informações neutras. O autor ainda destaca que nesse período de transição de pequena para grande imprensa ocorreu o surgimento de novos jornais de oposição política ou a compra da opinião do jornal para servir de veículo ao ideário de partido político. Dessa forma, como citado anteriormente, pretende-se analisar o jornal *O Dia*, que foi fundado por Raimundo Leão Monteiro, que por determinado tempo também passou a ser o redator-chefe do jornal, em 01 de fevereiro de 1951, surgiu com o título de órgão independente, noticioso e político, com o intuito de se distanciar dos demais jornais que contavam com o apoio de partidos políticos, tendo então uma característica “apartidária” que o diferenciava dos outros jornais da época.

Antes de analisar profundamente o conteúdo das edições, seria necessário entender o perfil dos leitores do jornal O Dia, ou quais leitores os redatores do jornal buscavam alcançar em seus editoriais, sobre isso Robert Darnton discute o seguinte:

Quaisquer que sejam suas “imagens” e “fantasias” subliminares, os jornalistas têm pouco contato com o público em geral e não recebem quase nenhum retorno dele. A comunicação pelos jornais é muito menos íntima do que pelos periódicos especializados, cujos redatores e leitores pertencem ao mesmo grupo profissional. Recebi uma quantidade muito maior de respostas a artigos em revistas acadêmicas, com um pequeno número de leitores, do que a reportagens de primeira página no The Times, que devem ser lidas por meio milhão de pessoas. Mesmo os jornalistas conhecidos não recebem mais do que uma ou duas cartas por semana de seus leitores, e pouquíssimos jornalistas são realmente conhecidos. O público raramente lê o nome de quem escreveu a matéria, e não tem como saber que Smith tirou de Jones a área da Prefeitura. Talvez seja equivocado falar em “o público” como se fosse uma entidade dotada de sentido, assim como não cabe, segundo os estudos de divulgação, pensar numa audiência de “massa” composta por indivíduos atomizados e indiferenciados. A direção do The Times admite que seus leitores constituem grupos heterogêneos: donas de casa, advogados, professores, judeus, suburbanos e assim por diante. Ela calcula que determinados grupos lerão determinadas partes do jornal, e não que um hipotético leitor geral vá ler tudo. (Darnton, 1990, p. 47)

Então, Darnton discorre sobre como os jornalistas raramente tem contato direto com o público, o que torna imprecisa qualquer tentativa de definir um “leitor” ideal. O autor observa que mesmo em grandes jornais como o The Times, é ilusório imaginar um público homogêneo, já que diferentes grupos sociais se apropriam de diferentes seções, de acordo com seus interesses específicos. Essa perspectiva é útil para refletir sobre o caso do jornal O Dia, pois embora o jornal se apresentasse como veículo de alcance amplo, na prática seus leitores eram provavelmente segmentados. Afinal de contas o jornal O Dia era “organizado em seções que abordavam diferentes temas em notícias, artigos, crônicas, humor, coluna social, cartas do leitor, matérias pagas e anúncios.” (Lima, 2015, p. 05) Dessa forma poderia haver aqueles que acompanhavam regularmente os editoriais e artigos políticos, enquanto outros buscavam apenas a seção de crônicas, de humor, a coluna social, os classificados ou os anúncios pagos. Assim como no exemplo discutido por Darnton, não se pode pressupor um leitor único e uniforme, mas sim um conjunto de públicos heterogêneos, cada qual mobilizando o jornal de acordo com suas demandas e interesses.

Frente ao cenário de jornalismo em transição abordado por Nelson Werneck Sodré (1983), Nilsângela Lima (2015) discute as contradições no jornalismo piauiense neste período dos anos 1950, pois surge uma questão complexa para o jornalismo de Teresina, pois é um jornalismo que se pretende informativo e objetivo, mas não deixa de ser opinativo e imparcial,

uma vez que eram usados para servir de arma política e de instrumento de orientação da opinião pública (Lima, 2015, p. 03) E fundamentada na teoria de Luiz Beltrão (1960, p. 74), “os veículos de comunicação “independentes e noticiosos” dos nossos dias não renunciam ao direito de opinar, salvo quando exageradamente mercenários.”. Essa contradição pode ser observada nas edições do jornal O Dia no momento em que pretendem se mostrar como um jornal neutro e objetivo, mas em algumas notícias é notório o tom violento e passional ao criticar certos políticos, e a análise destes jornais será abordada mais a fundo neste capítulo, e ao adotar essa postura violenta os jornalistas se distanciam da neutralidade e imparcialidade ao escrever um discurso político, pois estão defendendo seus ideais também.

No que se refere a quem eram destinados os conteúdos de suas edições o jornal O Dia deixava claro que ao manter-se distante dos partidos e facções políticas, reforçava seu compromisso com o povo e não com o partidarismo, e com isso “o jornal justificava a ação dos seus jornalistas na produção de um discurso jornalístico voltado à formação da opinião pública e a crítica contra os homens públicos que se desvirtuassem do seu programa de governo” (Lima, 2015, p. 06) Isso surgia como uma forma de justificar os discursos com teor raivoso de algumas notícias, como por exemplo:

A impressão primeira que Teresina oferece ao visitante, é a de uma cidade colhida, em pleno surto de progresso, por um fenômeno brusco de queda econômica, que lhe tivesse esgotado as fontes de renda. Aos olhos de um observador mais atento, porém, logo salta a espécie de desgraça em que caímos. E, criativa particular a investir, heroicamente, contra a muralha de negação absoluta da municipalidade que nos coube, na infeliz composição política do último pleito. [...] O senhor prefeito de Teresina tem sido rudemente acusado, até de fatos escabrosos, que escapam as normas de nossa apreciação. [...] O que de maior se apura, afinal de contas, no seu desastre administrativo, é a carência total de senso de responsabilidade. A naturalidade com que dissipa as verbas que vai arranjando, e a displicência, sem tréguas, com que encara os seus deveres e atribuições rudimentares [...] O seu caso, em suma, é uma questão de simples idade mental não atingida, para o exercício do cargo que lhe meteram nas mãos. [...] Lamentavelmente o senhor Pedro Freitas, de quem seria razoável esperar, pelo menos, um gesto de escrúpulo, nesse final da sua comédia de estadista “da triste figura”, deixou-se envolver por uma cáfila de aventureiros, agiotas e negociastas de toda classe, que tudo peita e tudo topa. [...] só temos é que apelar para os protestos da imprensa livre, para o escândalo público e para o clamor do povo. (Cré Com Cré. *O Dia*. Teresina, 14 mar. 1954, ano IV, n. 165, p. 1)

O discurso de imparcialidade e objetividade do jornal O Dia enfatizado pelo lema órgão independente, político e noticioso é destruído e evidenciado em recortes como esse que mostram a postura editorial do jornal O Dia distante da neutralidade pretendida em sua fundação e assume um caráter nitidamente combativo e opinativo. A crítica à administração de

Pedro Freitas ultrapassa a mera análise administrativa e adquire contornos de ataque pessoal, ao qualificá-lo como desprovido de senso de responsabilidade, incapaz de exercer o cargo e envolvido com uma cáfila de aventureiros, agiotas e negociastas, isso mostra um estilo de jornalismo marcadamente opinativo, personalista e agressivo.

O periódico não apenas identifica a crise econômica de Teresina como resultado direto da infeliz composição política do último pleito, mas também se coloca como porta-voz do clamor do povo, reivindicando para si a função de imprensa livre e de mediador moral da sociedade. Dessa forma, o trecho demonstra que O Dia não se limitava apenas a informar de maneira imparcial, mas também construía narrativas de denúncia e responsabilização política, revelando sua atuação como agente ativo no cenário público e reforçando a tensão entre o ideal de imparcialidade e a prática de engajamento político.

As críticas dirigidas pelo jornal O Dia ao governador Pedro Freitas ressaltam a incoerência do seu discurso apartidário, visto que no ano de sua fundação, o periódico ainda buscava colaborar com a administração estadual, oferecendo conselhos e sugestões voltadas a uma boa gestão pública. Contudo, a partir de 1952, observa-se uma mudança significativa no tom, os elogios cedem lugar a críticas mais incisivas, marcando um distanciamento progressivo entre o jornal e o governo. Fato discutido por Nilsângela Cardoso Lima (2014):

Ao longo dos quatro anos (1951 a 1954), em que o governador Pedro Freitas ocupou a cadeira de chefe do Executivo Estadual, várias matérias foram publicadas nas páginas de O Dia a seu respeito. E, na maioria destas, constava a apreciação dos jornalistas sobre o fato político piauiense e a afirmação de que a produção do discurso jornalístico de O Dia seguia as normas do jornalismo objetivo e imparcial. O Dia foi um dos jornais de Teresina que, na década de 1950, levantou a bandeira de veículo jornalístico independente e noticioso, mas não renunciou ao direito de opinar. Com efeito, no período de quatro anos do governo de Pedro Freitas (PSD), o jornal não declarou abertamente uma postura partidária. Contudo, a apreciação e interpretação do fato político pela redação de O Dia deixaram as marcas do partidarismo e da parcialidade da linha editorial em diferentes momentos e contextos. (Lima, 2014, p. 153)

Com base nisto, embora ao longo dos quatro anos de mandato de Pedro Freitas o jornal tenha insistido em se apresentar como independente e objetivo, conforme destaca Nilsângela Lima no trecho acima, a prática editorial demonstrava outro lado de O Dia, pois ao mesmo tempo em que proclamava seguir as normas do jornalismo imparcial, o jornal O Dia não desistia de opinar e de intervir na arena política, deixando transparecer marcas de partidarismo e parcialidade em diferentes momentos e contextos. Diante dessas contradições entre o discurso de imparcialidade e a prática de engajamento político, percebe-se que o jornal O Dia

atuava não apenas como mediador de informações, mas como agente ativo nas disputas pelo poder local. Portanto, infere-se considerar como esse posicionamento editorial reverberava junto ao público, afinal, compreender o impacto do jornal implica investigar não apenas o que foi publicado, mas também de que maneira a população interpretava e interagiu com as notícias.

Nossa capital, que tem, mais ou menos, uma população de 70 mil habitantes, não está ainda, como devia, habituada à leitura de jornais. Todavia, contamos, com muito desvanecimento, com a acolhida que nos é feita pelo povo sensato e inteligente que nos acompanha, com o aplauso de nossos distintos leitores que só veem em nós a flâmula ardente de bem orientarmos e conseguirmos um ambiente mais feliz e fértil para a política piauiense. E o atestado convincente desta afirmativa é termos sempre esgotadas as nossas edições. Assim, esperando continuarmos gozando preferência honrosa do povo que nos lê, sentimo-nos cada vez mais fortes para combatermos as mazelas dos homens públicos do Piauí, convictos de que, praticando a imprensa dignificante e honesta, sobreviveremos a todas as dificuldades e aos jornais governistas, que são amarelos. (A Nossa Imprensa. *O Dia*. Teresina, 5 out. 1952, ano II, n. 88, p. 5).

O discurso do jornal constrói uma imagem bastante clara de quem seria o seu público, uma parcela restrita da população de Teresina que ainda era pouco habituada à leitura de jornais, mas mesmo assim era identificada como “sensata”, “inteligente” e distinta. Ao mesmo tempo em que reconhece a limitação do hábito de leitura na cidade, enfatizada pelos “cerca de 70 mil habitantes”, o texto procura valorizar e legitimar seus leitores, exaltando-os como parte de uma elite moral e política, capaz de compreender e apoiar o projeto editorial de *O Dia*. Essa estratégia reforça o vínculo simbólico entre jornal e público, enquanto posiciona os leitores do jornal como cidadãos esclarecidos que preferem uma “imprensa dignificante e honesta” em oposição aos “jornais governistas, que são amarelos”. Ademais, a menção às edições sempre “esgotadas” serve como prova da adesão popular, ainda que restrita, legitimando assim a força do jornal na esfera pública local.

De uma maneira geral, a imprensa regional é responsável por consolidar símbolos, tradições e valores regionais que reforçam um sentimento de pertencimento à comunidade, Ghizzoni (2013, p. 137) discute que “a proximidade com o público é uma das maiores vantagens dos jornais impressos regionais em comparação aos de circulação nacional. O conteúdo publicado nestes veículos frequentemente trata de assuntos que já são discutidos na vida cotidiana dos cidadãos, seja em conversas na praça ou discussão sobre política entre vizinhos. Com isso, a mídia regional adquire um grande poder de mobilização social para abordar reivindicações e necessidades sociais dos leitores.” Nesse sentido, ao relacionar o

papel da imprensa regional discutido por Ghizzoni acima, com a atuação do jornal O Dia, é possível perceber que o periódico não apenas registrava fatos políticos e sociais, mas também funcionava como um espaço de construção de identidades e de mediação entre os cidadãos e a esfera pública.

Como foi destacado anteriormente, durante a década de 1950, O Dia afirmava-se como independente e objetivo, mas ao mesmo tempo deixava transparecer em sus páginas interpretações que influenciavam a leitura dos acontecimentos políticos. Assim, o jornal atuava como um agente de formação da opinião pública, aproximando-se do cotidiano da população e reforçando valores regionais e tradições compartilhadas. Dessa forma, evidencia-se que a imprensa regional pode, de fato moldar a sociedade, na medida em que mobiliza os leitores e legitima determinadas perspectivas, e vale ressaltar que os jornais são responsáveis por formar e deformar debates.

3.2 Jornalismo Regional e Memória Social: O papel de O Dia no Piauí

De Luca (2006) discorre acerca do valor dos jornais enquanto memória social, a autora destaca que apesar das críticas iniciais que eles recebiam na questão de serem tratados como fonte histórica ou não, os periódicos oferecem registros únicos do cotidiano e do imaginário de uma sociedade, e é nesse ponto que entra o jornal O Dia como objeto de análise. Sobre a utilização dos jornais como fonte histórica De Luca (2006) relata:

Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. A introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa, além de amudarem-se as edições fac-símiles e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional.² Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa. Vários fatores explicam tal situação, que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente,

realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (De Luca, 2006, p. 111-112)

A autora observa que até a década de 1970 ainda havia resistência em mobilizar jornais como fonte para a escrita da história, afinal reconheciam a importância dos periódicos, mas se escrevia história da imprensa e não por meio dela, justamente porque eram vistos como registros fragmentários, permeados por interesses e subjetividades, porém quase todo objeto está sujeito a subjetividades, cabe ao historiador analisá-lo de forma objetiva. Entretanto, essa característica, longe de ser uma limitação, acabou por revelar-se uma das maiores contribuições para os estudos históricos, já que os periódicos funcionam como enciclopédias do cotidiano, trazendo a tona discursos, representações e práticas sociais de uma época. Nesse sentido, ao ser analisado o jornal *O Dia* nesta pesquisa, é possível compreender como a imprensa regional pode atuar não apenas como veículo de informação, mas também como registro de memórias coletivas, capaz de registrar tanto os conflitos políticos quanto os modos de pensar e sentir da sociedade piauiense durante os anos de 1950.

Em suma, o texto de Tania Regina de Luca busca trazer uma análise da trajetória da teoria da história em relação ao uso da imprensa como fonte histórica, - e até como objeto de estudo -. Então, nesse processo De Luca traz à tona, como exemplo, as dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1974)¹⁵, reunidas no livro intitulado *O Bravo Matutino* (1980), em que a imprensa é considerada não como um registro neutro de fatos, mas como um objeto sujeito a falhas e suas próprias opiniões, garante entender que eles podem servir a um propósito particular ou do interesse de alguém. Essa mudança representou uma ampliação na historiografia, pois passou a ser incorporado na construção da história: primeiro com a influência da Escola dos Annales introduzindo a interdisciplinaridade como ferramenta fundamental para compreender a complexidade histórica, ou seja o envolvimento da história com outras disciplinas para entender melhor o conjunto dos fatos; em seguida com a Nova História reafirmando a necessidade de mudança no modo de olhar as possíveis fontes, quando se notou que seria necessária uma mudança de abordagens quando começaram a surgir novas abordagens para o estudo da história, intensificado pela variedade de novas temáticas de pesquisa que envolviam o mito, o inconsciente, as práticas culinárias do cotidiano e etc; e por último sob o olhar da micro- história, que evidenciou o olhar fragmentário e localizado como via legítima da interpretação histórica.

¹⁵ Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Alfa-Omega, 1980

Reconhecer o jornal como fonte histórica significa aceitar suas adversidades e subjetividades, mas também perceber sua riqueza enquanto registro um período da história, pois contam a história de um tempo, e infelizmente podem estar sujeitos a opiniões que não são neutras e imparciais, mas cabe ao historiador identificar com base no contexto e realizar uma análise contextualizada, consciente das limitações e possibilidades dessa documentação, e nas palavras de Michel Certeau: “O historiador não é mais um homem capaz de construir um império. Nem visa mais o paraíso de uma história global. Ele chega a circular em torno das racionalizações conquistadas. Ele trabalha nas margens. Sob esse aspecto, ele se torna um erradio.”¹⁶. Essa reflexão ajuda a compreender como o papel do historiador mudou, ele já não ocupa mais posição absoluta de construir um império, agora o historiador contemporâneo atua nas margens, lidando com fragmentos e racionalizações já estabelecidas por outros intelectuais, e por isso ele está próximo de uma figura “erradia”, está sujeito a errar por navegar entre diferentes campos de saber e perspectivas, consciente de suas próprias limitações. Em relação a essa consciência que chega aos historiadores contemporâneos De Luca (2006) traz à discussão o historiador e Jean Glénisson que reconheciam a importância do jornal como fonte, mas alertava para a mistura de imparcialidade e parcialidade:

Jean Glénisson, professor francês que atuou no Departamento de História da Universidade de São Paulo, autor do manual *Iniciação aos estudos históricos*, sucessivamente reeditado e que inspirou a criação de cursos de introdução à disciplina pelo país afora, comungava posição bastante similar. Ao comentar os procedimentos críticos demandados pelos jornais, Glénisson ponderou que estes se revestiam de "complexidade desanimadora. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo". Ele endossou as palavras do historiador Pierre Renouvin, que insistia na importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados seja pelos historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever sua História. Nos dois casos, já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade - atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar -, antes se pretendia alertar para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador. (De Luca, 2006, p. 116)

Nesse sentido, a crítica passou a se concentrar não na “objetividade”, pois seria quase impossível, mas no uso ingênuo da imprensa como simples depósito de dados. Para Glénisson,

¹⁶ A citação encontra-se em Jean Boutier e Dominique Julia, *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*, Rio de Janeiro, UFRJ/RGV, 1998.

sempre seria difícil avaliar as influências ocultas que atuavam sobre um periódico, o autor concordava com Pierre Renouvin, que insistia na importância de investigar aspectos como a tiragem, a área de circulação, as relações políticas e os vínculos econômicos dos jornais, elementos muitas vezes negligenciados tanto por historiadores que utilizavam a imprensa, quanto pelos que buscavam narrar sua própria história. Desse modo, o problema já não estava na falta de objetividade, mas sim no risco de um uso instrumental e ingênuo. Assim, a crítica mudou da ideia de “objetividade” para a necessidade de um olhar mais atento, capaz de compreender os jornais em suas dimensões de produção e circulação, evitando reduzi-los a simples registros de fatos.

No caso do jornal O Dia, essa discussão tornam-se ainda mais evidente, pois embora o periódico reivindicasse para si o lugar de veículo independente e imparcial, sua prática editorial mostrava o contrário – as críticas ao governo de Pedro Freitas, as escolhas de pauta e a forma de narrar os acontecimentos políticos expunham as marcas de uma linha editorial permeada por preferências e posicionamentos. É justamente nesse ponto que a reflexão de De Luca (2006) embasada na discussão do autor Jean Glénisson se torna útil, afinal não se trata de cobrar do jornal uma objetividade inalcançável, mas de reconhecer como sua parcialidade operava como estratégia discursiva de legitimação diante do público leitor. Nesse sentido, O Dia não apenas informava, mas também selecionava, interpretava e orientava os debates locais, revelando-se um ator político que ajuda a moldar a opinião pública e a memória social do Piauí.

Ainda sobre De Luca (2006), a autora ainda discute o movimento operário e a imprensa militante, uma imprensa feita por trabalhadores e militantes que passou a ser fonte privilegiada para entender greves, mobilizações, identidades e culturas de resistência remetem ao estudo aprofundado do tema por Laura Maciel (2016) demonstrando como a imprensa operária ajudou a produzir e preservar a memória coletiva da classe trabalhadora ao selecionar e registrar suas experiências, fortalecer identidades e transformar o passado em recurso para o futuro:

Reconhecer a ação organizada de trabalhadores por meio da imprensa possibilita acompanhar parte de uma luta mais ampla travada no Rio de Janeiro em prol da ampliação e deslocamento do significado liberal atribuído à cidadania (como o direito à representação pelo voto e às garantias e liberdades civis). Uma leitura atenta dessa imprensa traz evidências de que ela se constituía com o propósito de ensinar a "pensar e julgar as coisas e os atos e, também, para a formulação, expressão e reivindicação de novos direitos. Afinal, a imprensa deveria ser avaliada "não pelo importe das suas assinaturas, mas pelo número de direitos alcançados, de preconceitos banidos, de abusos esmagados", como alguém argumentou nas páginas de O Domingo, órgão dos trabalhadores no comércio, em julho de 1878. Nessa direção, uma primeira questão a ser esclarecida são as motivações que animaram trabalhadores a criar periódicos e a mantê-los como espaços

públicos - de debate, questionamento e crítica - em uma sociedade "cuja experiência ampliada de participação civil inexiste e cuja noção de negociação política era [e ainda é] extremamente excludente". (Maciel, 2016, p 422-423)

Dessa maneira, a partir do exposto acima, observa-se que a autora Laura Maciel busca evidenciar como a imprensa operária superava a simples função de informar, ao se tornar um instrumento político, usado pelos trabalhadores como uma maneira de formar uma consciência crítica, criados com o intuito de garantir espaços públicos alternativos onde poderia ser realizada a discussão política e o debate civil, ou seja, nesses jornais eram realizados recortes de informações que eram consideradas do interesse do povo e serviam para moldar a memória coletiva da população, ou no caso da comunidade dos trabalhadores, para entender os percursos que tiveram que ser tomadas para a reivindicação de direitos que são possíveis nos dias de hoje pois outras pessoas lutaram por eles antes. Portanto, quando se fala de memória coletiva e resgatando o jornal *O Dia* como elemento que também atuava segundo racionalizações e margens delimitadas por interesses políticos, culturais ou regionais, e então não oferecia uma narrativa universal, mas sim um recorte do real com base em escolhas editoriais.

Dessa maneira, é nesse processo que a imprensa regional contribui para a formação de uma memória coletiva. De acordo com Halbwachs (2006) a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, como uma forma de reforçar algum acontecimento com base na visão de outras pessoas, o autor utiliza como exemplo reencontrar um amigo depois de muito tempo, e no ato de lembrar fatos que são comuns entre os dois, o autor reforça que as lembranças não são as mesmas, embora estejam relacionadas ao mesmo evento, pois nossas lembranças são coletivas e são lembradas por outros.

Portanto Halbwachs argumenta que a memória coletiva não é apenas uma experiência individual. O autor acreditava que as lembranças de um indivíduo são moldadas e influenciadas pelos grupos sociais aos quais pertencem. Uma vez que seleciona, enfatiza e silencia determinados acontecimentos, organizando-os de modo a formar identidades e experiências compartilhadas pela comunidade. Portanto, a análise proposta neste trabalho adota a perspectiva da história cultural. Segundo Barbosa (2010), a imprensa deve ser entendida não apenas como registro de fatos, mas como espaço de produção de representações, de práticas de sociabilidade e de disputas narrativas.

Nesse sentido, privilegia-se o estudo da imprensa enquanto lugar de construção de memórias e de identidades. Como discutido anteriormente, o recurso metodológico principal é a análise documental, com a leitura crítica das edições do jornal *O Dia* entre 1952 e 1961. E tendo Nilsângela Lima (2015) como base para o jornalismo piauiense, pois discute o jornalismo

piauiense como campo de disputas de narrativas e como um espaço privilegiado de registro de vida social e política na região. O jornal *O Dia* atuou como “espelho” e “voz” da sociedade ao noticiar e opinar sobre as disputas eleitorais fazendo críticas à administração de Pedro Freitas, discutindo sobre a infraestrutura da cidade de Teresina, noticiando eventos estudantis, falando sobre eventos festivos etc.

Nesse sentido, o periódico se consolidou como um porta-voz da sociedade, refletindo tanto as aspirações do progresso urbano quanto as tensões políticas e culturais da época. Então, para compreender de que maneira *O Dia* atuava como mediador da vida pública em Teresina durante os anos de 1951 a 1961, serão analisados recortes referentes a acontecimentos importantes no contexto do período, para assim entender o posicionamento editorial do jornal diante das disputas políticas e sociais de seu tempo, ao mesmo tempo em que é analisado o modo como a imprensa registrava e participava das transformações culturais e eleitorais que mobilizam a sociedade local.

A situação do funcionalismo público estadual, agora mais agravada com o aumento do custo de vida, não poderá permanecer na mesma por mais tempo. A disparidade que se verifica nos vencimentos percebidos por servidores públicos estaduais e federais, não deixa a menor dúvida de que os primeiros merecem a atenção cuidadosa e imediata do atual Governo, a fim de não perecerem na miséria que os estiola e acabrunha deixando, no semblante triste, traços vivos do desconforto em que vivem. Os segundos, porém, sob os cuidados da União, tiveram, sem demora, vencimentos duplicados, se bem que, com a mesma rapidez, os gêneros de primeira necessidade, como é a moda, tenham igualmente se elevado de valor, não escapando mesmo a menor utilidade. [...] Esses tais aumentos, como já se tem dito repetidamente, não resolvem o problema angustiante do povo brasileiro. Precisamos é de desenvolvimento econômico, é de incrementação à produção, é de trabalho organizado e exploração honesta das nossas riquezas naturais, e em que não apareçam potências estrangulando nosso domínio e capacidade. Como dissemos, inicialmente, não poderá permanecer por mais tempo a atual situação dos pobres funcionários públicos do Piauí. Não é, pois, de justiça e nem comporta no bom senso comum, que os servidores estaduais continuem penosamente enfrentando a alta carestia de vida com o mesmo padrão de vencimento. (*O Aumento*. *O Dia*, Teresina. 3 jun. 1956, ano VI, n. 361, p..1)

Este recorte do jornal intitulado “*O Aumento*” demonstra um tom repleto de uma forte crítica social e política à disparidade entre os salários dos servidores públicos estaduais e federais. O texto expõe a precariedade da situação dos funcionários do Piauí, ressaltando o contraste entre os vencimentos baixos pagos pelo governo estadual e os aumentos concedidos aos servidores da União. *O Dia* apresenta o problema como uma questão de justiça social, pois enquanto os preços de gêneros de primeira necessidade aumentavam e o custo de vida se elevava, os servidores estaduais continuavam enfrentando privações. Ademais, há também

uma crítica ao governo por impor pesadas tarifas: “Até a União, sob a alegação de necessidade de aumento da receita pública, a fim de que pudesse pagar o funcionalismo, achou por bem impingir ao povo pesadas tarifas postais-telegráficas...” (O Aumento. *O Dia*, Teresina, 3 jun. 1956, ano VI, n. 361, p.1). Entretanto, o texto não limita apenas a denúncias quando indica expectativa sobre a figura do governador do Piauí ao esperar ações, como reajuste aos servidores estaduais mesmo que limitado. Dessa maneira, o jornal *O Dia* demonstra seu posicionamento e mostra como a imprensa atuava como porta-voz das insatisfações da classe trabalhadora urbana e ao mesmo tempo, pressionava o poder público a apresentar soluções.

Todos reconhecem o valor inestimável do bem prestado á humanidade pelo invento de Gutembergue. Certos eventos proporcionaram auspiciosas vantagens a alguns acontecimentos, completando sua grandiosidade. Assim, na Idade Moderna, a igualdade das classes, causa da Grande Revolução francesa, encontrou na imprensa sua grande expansão, que deu aos homens forças indestrutíveis na luta pela reivindicação dos seus direitos. E até a hora presente a máquina e o papel têm prestado inestimáveis serviços a todos os povos. Hoje, ultramodernizada, a imprensa é, e sempre será o grande baluarte da Verdade. Em nossa terra houvesse excelentes serviços de “clicherie”, a imprensa seria completa. A propósito da imprensa local já ouvi alguém comentar: - jornal do Piauí, só tem política. Sabemos quanto a imprensa piauiense vive mergulhada em política. (Imprensa Independente. *O Dia*, Teresina. 1 jan. 1960, p. 6)

Este trecho assinado por José Walter, reflete a defesa da relevância da imprensa como instrumento da verdade e independência. O texto inicia com uma contextualização histórica e valorização da criação da imprensa por Gutenberg, relacionando-a a grandes transformações da modernidade como a Revolução Francesa para que o leitor possa compreender que a imprensa constitui um “baluarte da verdade” por ser um meio indispensável à defesa dos interesses coletivos. Em seguida, o autor do texto insere o contexto local, comentando sobre a imprensa piauiense e seus desafios. Dessa maneira, é possível observar como o jornal *O Dia* ao longo dos anos se colocava não apenas como transmissor de informações, mas como um agente formador da sociedade, que seria capaz de orientar comportamentos, denunciar injustiças sobre o tratamento do jornalismo e participar da educação cívica da população ao orientar sobre a importância do jornalismo e discussão da política local por parte da imprensa.

Portanto, infere-se o uso de jornais como fonte são uma potência no registro histórico, preservação da memória e da identidade cultural regional, mas o seu uso deve ser realizado de maneira consciente, ao reconhecer as limitações desta fonte histórica, que são a parcialidade, os interesses políticos por trás de cada notícia e os silenciamentos, ou seja, é necessário reconhecer que o uso de periódicos exige cautela. Nesse sentido, retomando os comentários de

Jean Glénisson no texto de De Luca (2006) ao analisar as fontes é preciso entender o contexto e as motivações do periódico, e no caso específico do jornal *O Dia* o foco da análise deixou de ser a “objetividade” e “neutralidade” do jornal, afinal com base no que foi analisado percebe-se que o jornal usou esses termos para construir credibilidade com seus leitores na tentativa de entregar um jornalismo imparcial: “Como homens de imprensa independente, ainda não podemos ter candidato preferencial [...] Temos, portanto que nos manter fora das competições até que todos os nomes sejam lançados oficialmente.” (Jânio Vem Ao Piauí. *O Dia*, Teresina. 18 out. 1959. Ano IX, n. 712, p. 1) Como demonstram neste recorte comentando sobre a vinda de Jânio ao Piauí, *O Dia* reforça novamente seu caráter independente e neutro, visto que “nesse período começa a ser exigido do jornalista de *O Dia* certo distanciamento de sua inclinação política e da paixão partidária, ao escrever uma matéria” (Lima, 2015, p. 6).

Para que a neutralidade seja cumprida, os jornalistas ou empresas jornalísticas precisam não interferir nos eventos que noticiam, de um modo que deixe a interpretação dos fatos para os próprios leitores, e com os recortes do jornal *O Dia* analisados neste trabalho, percebe-se que o escritor agia como um agente formador da opinião pública, incitando a população leitora a pensar como eles, ou seja *O Dia* não era inteiramente neutro, e sim um ator inserido em disputas políticas, entretanto, o jornal contribuiu para a preservação da memória social e para a construção de uma identidade cultural, assim como destaca o papel do jornal como “arquivo vivo” da sociedade piauiense, ao registrar tanto os embates políticos quanto as práticas culturais que moldaram a vida em Teresina.

Dessa maneira, o jornal *O Dia* se destacava como formador da opinião pública, pois mesmo se afirmando independente e objetivo, não deixava de transparecer em seus escritos interpretações que influenciavam a leitura dos acontecimentos políticos de acordo com o seu interesse, e dessa forma o jornal se aproximava dos seus leitores e do cotidiano da população, demonstrando que a imprensa regional se torna responsável por moldar debates. Como fonte histórica, *O Dia* pode ser considerado não apenas como um espaço de registro de acontecimentos, mas como um guardião e seletor da memória social, uma vez que ao registrar determinados fatos e silenciar outros, orienta como a sociedade piauiense pensa de si mesma. Essa função seletiva reforça a ideia de que a objetividade jornalística é relativa, visto que cada edição é produto de escolhas editoriais, é escolhido o que deve ser ou não repassado para a população. Isso faz com que a imprensa regional ultrapasse o simples status de mediadora da informação e se torne um agente ativo na construção e preservação de memórias compartilhadas, influenciando a forma como a população interpreta seu passado e se reconhece no presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender de forma aprofundada a trajetória do *Jornal O Dia* e o seu impacto na construção da informação e da opinião pública no Piauí entre os anos de 1951 e 1961. Partindo do pressuposto de que a imprensa constitui não apenas um meio de difusão de notícias, mas também um instrumento de poder, mediação e memória, buscou-se investigar como esse periódico se consolidou como um dos principais veículos da imprensa piauiense, atuando na formação simbólica, política e cultural da sociedade teresinense e, de modo mais amplo, da identidade regional. *O Dia* se revelou um agente ativo na história local, um espaço de enunciação de discursos e disputas, cuja atuação foi marcada tanto pelo ideal de imparcialidade quanto por uma prática editorial frequentemente engajada e opinativa.

Desde a introdução, foi ressaltado que o estudo do jornalismo regional é fundamental para compreender as dinâmicas de poder e de representação social nas províncias e estados brasileiros, sobretudo em contextos historicamente marginalizados pelos grandes centros de produção de conhecimento. Nesse sentido, o Piauí dos anos 1950 apresentava um cenário peculiar por ser ainda fortemente rural e oligárquico, mas atravessado por tentativas de modernização administrativa e econômica. Foi nesse contexto que o *Jornal O Dia* emergiu, autodefinindo-se como um “órgão independente, político e noticioso”, em uma época em que a maioria dos periódicos piauienses se encontrava subordinada a grupos ou partidos políticos específicos. Assim, a pesquisa revelou que o jornal procurou, desde sua fundação, construir uma imagem de credibilidade e de compromisso com o “povo piauiense”, assumindo para si a função de mediador entre o público e o poder.

O primeiro capítulo demonstrou que a história da imprensa brasileira, de modo geral, foi marcada por um estreito vínculo entre comunicação e poder político. Desde a criação da *Impressão Régia* em 1808 até a consolidação da grande imprensa nas primeiras décadas do século XX, os jornais brasileiros oscilaram entre a função informativa e o engajamento partidário. No Piauí, esse processo ocorreu de forma ainda mais tardia e dependente da elite provincial. O surgimento dos primeiros periódicos, como *O Piauiense* (1832) e *O Telégrafo*, evidenciou uma imprensa que, antes de se constituir como espaço público de debate, funcionava como instrumento de legitimação das autoridades locais. Foi apenas a partir da década de 1950 que a imprensa piauiense começou a experimentar um processo mais

consistente de profissionalização e diversificação temática, em sintonia com as transformações do jornalismo nacional.

É nesse ambiente de transição que se insere o *Jornal O Dia*, fundado por Raimundo Leão Monteiro em fevereiro de 1951. Sua proposta editorial, como analisada nos capítulos anteriores, estava centrada na defesa de uma imprensa moderna, ética e independente. No entanto, as matérias e editoriais do periódico revelam tensões entre o discurso e a prática jornalística. Ao mesmo tempo em que o jornal se afirmava neutro e objetivo, seus textos expressavam juízos de valor, críticas contundentes a gestores e governantes e posicionamentos políticos claros, ainda que muitas vezes mascarados pela retórica da imparcialidade. Essa contradição não anula a relevância de sua proposta, mas evidencia o caráter paradoxal da imprensa regional, que, ao reivindicar autonomia, não deixava de estar imersa nas disputas ideológicas e nos jogos de poder de sua época.

A análise das edições publicadas entre 1952 e 1961, apresentada no segundo capítulo, permitiu perceber como o *Jornal O Dia* atuou de forma decisiva na construção de uma esfera pública piauiense. À luz das reflexões de Jürgen Habermas (2003), foi possível compreender que o periódico desempenhou um papel mediador entre o Estado e a sociedade civil, ainda que de maneira restrita, dada a limitação do público leitor. Em um contexto de baixa alfabetização e de concentração do poder político e econômico nas mãos de poucos, o jornal não falava por toda a sociedade, mas principalmente por uma elite urbana letrada que se via como representante da razão e do progresso. Assim, a opinião pública que emergia das páginas do *O Dia* refletia os valores, os interesses e as contradições dessa elite, que, ao mesmo tempo em que criticava os vícios da política tradicional, dela também participava.

Mesmo diante dessas limitações, o jornal exerceu um papel relevante na formação de um discurso público sobre a modernização e o desenvolvimento do Piauí. Suas matérias frequentemente destacavam a necessidade de reformas urbanas, de investimentos em infraestrutura e de superação do “atraso” local, temas que dialogavam com o ideário desenvolvimentista em voga no Brasil de Juscelino Kubitschek. Ao se posicionar como voz do “povo piauiense”, o *O Dia* buscou se legitimar como um veículo de defesa do interesse coletivo, ainda que sua linguagem e suas práticas estivessem ancoradas em um público específico. Essa apropriação discursiva do “povo” e do “interesse público” reforça a ideia de que o jornal não apenas refletia a realidade social, mas a produzia simbolicamente, selecionando acontecimentos, interpretando fatos e moldando memórias.

A leitura crítica dos editoriais e artigos publicados entre 1951 e 1961 evidenciou também a transição de um jornalismo de opinião para um modelo mais informativo, ainda que

híbrido e inacabado. *O Dia* incorporou progressivamente elementos da linguagem jornalística moderna, como a hierarquização das notícias, a separação entre fato e comentário e o uso de seções temáticas, mas manteve o tom combativo e personalista característico do jornalismo político-literário. Essa coexistência entre o velho e o novo ilustra a complexidade do processo de modernização da imprensa piauiense, que, ao mesmo tempo em que buscava se alinhar aos padrões nacionais, preservava traços da cultura letrada e do clientelismo político local.

Outro aspecto relevante destacado nesta pesquisa é a dimensão memorial e cultural da imprensa. Inspirando-se em Jacques Le Goff (1990), foi possível compreender *O Dia* como um produtor de memória social, responsável por registrar, selecionar e legitimar determinados acontecimentos em detrimento de outros. Ao construir narrativas sobre a cidade, os governantes e os cidadãos, o jornal contribuiu para a elaboração de uma memória política e simbólica de Teresina e do Piauí. Essa memória, embora parcial e seletiva, constitui um acervo fundamental para o estudo da história local, permitindo ao historiador identificar os discursos dominantes, as tensões sociais e as representações do passado que moldaram a identidade piauiense no século XX.

De modo geral, o *Jornal O Dia* representou, nas décadas de 1950 e 1960, uma tentativa de equilibrar modernidade e tradição, independência e engajamento, objetividade e opinião. Seu lema, “órgão independente, político e noticioso”, sintetiza bem essa ambiguidade: ao mesmo tempo em que se pretendia imparcial e técnico, o jornal assumia explicitamente um papel político, de vigilância e de crítica social. Essa postura o diferenciou de outros periódicos do período, como *A Cidade*, que mantinham vínculos diretos com partidos e facções políticas. No entanto, a análise demonstrou que, embora *O Dia* buscasse uma imagem de neutralidade, também não estava imune às pressões e alianças do contexto político local, tendo sido inclusive arrendado temporariamente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1962. Tal fato evidencia como a imprensa, especialmente a regional, dificilmente se sustenta fora das relações de poder e dos interesses que a permeiam.

Os resultados obtidos nesta pesquisa contribuem para ampliar o debate sobre a história da imprensa no Piauí, campo ainda carente de estudos sistemáticos. Ao centrar a análise no *Jornal O Dia*, este trabalho demonstrou que o estudo da imprensa regional não deve ser entendido apenas como uma extensão periférica da história nacional do jornalismo, mas como um espaço autônomo de produção de sentidos e de disputas simbólicas. A trajetória de *O Dia* mostra que, mesmo em um contexto de limitações materiais e de restrito público leitor, os jornais piauienses desempenharam funções essenciais na construção de identidades coletivas e na mediação entre Estado e sociedade.

Além disso, o estudo permitiu compreender como as práticas jornalísticas, longe de serem neutras, são determinadas por contextos históricos e culturais específicos. As edições de *O Dia* analisadas entre 1952 e 1961 revelam um periódico em constante negociação entre o ideal de imparcialidade e a prática opinativa, entre o discurso de independência e o engajamento político. Essa tensão constitui não um defeito, mas uma característica constitutiva da imprensa enquanto campo de disputa simbólica. Como observa Capelato (1988), todo jornal é, em última instância, um ator político que busca conquistar “corações e mentes” e *O Dia* cumpriu essa função ao articular, em suas páginas, os ideais de modernização, progresso e identidade piauiense.

Portanto, conclui-se que o *Jornal O Dia* foi mais do que um simples veículo de notícias, foi um agente de mediação cultural, política e social, que ajudou a moldar o modo como os piauienses perceberam a si mesmos e ao seu tempo. Ao mesmo tempo em que denunciava as contradições da política local, o jornal ajudava a construir o próprio imaginário de uma Teresina moderna e progressista. Essa contribuição torna sua trajetória indispensável para a compreensão da história contemporânea do Piauí e reforça a importância de se preservar, estudar e valorizar os acervos da imprensa regional.

Como perspectiva para futuras pesquisas, seria pertinente ampliar a análise para outras décadas, investigando como *O Dia* e outros periódicos piauienses acompanharam as transformações políticas, econômicas e tecnológicas do país, especialmente durante o regime militar e a redemocratização. Também seria relevante desenvolver estudos comparativos entre a imprensa do Piauí e a de outros estados nordestinos, de modo a compreender melhor as especificidades e convergências do jornalismo regional no Brasil. Assim, a continuidade das investigações sobre o tema poderá contribuir não apenas para a historiografia da imprensa, mas também para o fortalecimento da memória e da identidade cultural do Piauí.

Em suma, o presente trabalho alcançou seus objetivos ao demonstrar que a trajetória do *Jornal O Dia* é parte constitutiva da história da comunicação e da vida pública piauiense. Seu legado transcende o campo jornalístico e se inscreve na própria construção simbólica da modernidade local, revelando que informar, opinar e registrar são também formas de intervir na história. O estudo da imprensa, portanto, reafirma-se como uma via privilegiada para compreender as relações entre poder, discurso e sociedade e, nesse sentido, o *Jornal O Dia* permanece como testemunho e protagonista de uma época em que a palavra impressa ainda era o principal instrumento de construção da realidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

AGUADO, José A. Martín; VIZUETE, José I. **Armentia. Tecnología de la información escrita**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo de opinião**. Porto Alegre, RS: Sulina/ARI, 1980.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

DE LUCA, Tânia Regina. MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Mayara Sousa. “História e memória do jornalismo cultural no Piauí”. In: **Intercom Nordeste**, 2016.

FILHO, Celso Pinheiro. **História da Imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

GALLAS, Ana Kelma Cunha; MARQUES, Francisco Wilk Santos Leal; VIVEIROS, Lucas Lins. Tinha um jornal no meio do caminho: estratégias usadas pelo Jornal Meio Norte no contexto de disputas mercadológicas com o Jornal O Dia. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, Fortaleza, 2012. Teresina: Faculdade Santo Agostinho, 2012.

GHIZZONI, Manuela. Jornalismo regional como mediador social: uma análise de conteúdo. **Revista Vernáculo** 32 (2013): 136-166.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A Memória Coletiva** / Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Cultura jornalística e identidade profissional dos jornalistas teresinenses no período de 1951 a 1962. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Jornal O Dia e o jornalismo em transição nos anos 1950. In: **Intercom**, 2015.

LIMA, Nilsangela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954)**. 2014. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

LOSEKANN, Cristiana. A Esfera Pública Habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. In: **Pensamento Plural**. Pelotas, p. 37-57, 2009.

MACHADO, Eduardo. **O Jornalismo Regional e seu Impacto na Sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MACIEL, Laura. Imprensa, esfera pública e memória operária - Rio de Janeiro (1880- 1920). **Revista de História**, v. 2016, p. 415-458, 2016.

MOREIRA, Henrique. “A transição do Jornalismo partidário para o jornalismo de informação e a formação dos impérios midiáticos no Brasil”. In: **Revista Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 2014.

MOREIRA, Luiz. **Imprensa e Poder: O Papel dos Jornais no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, 2007.

OJALA, M. **Is the Age of Impartial Journalism Over? The Neutrality Principle and Audience (Dis)trust in Mainstream News**. Journalism Studies, 2021.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. **Imprensa piauiense: atuação política no século XIX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RODRIGUES, Marly. **A década de 1950: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS, Maurício Feitosa dos. **Comemoração, pobreza e cultura letrada no Centenário de Teresina (1952)**. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Lidia Lerbach de. A Imprensa Régia: O tardio nascimento da imprensa no Brasil. In: **Verbum**, v. 9, n. 1, 2020, p. 310-323.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.